



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
BACHARELADO EM TRADUÇÃO

**A NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE EM INVISIBLE MAN: uma perspectiva sistêmico-
funcional**

MONOGRAFIA

LUCAS ALEXANDRE DAMASCENO

Mariana/MG

2021

LUCAS ALEXANDRE DAMASCENO

**A NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE EM INVISIBLE MAN: uma perspectiva
sistêmico-funcional**

Monografia apresentada ao curso de Letras
do Instituto de Ciências Humanas e Sociais
(ICHS) da Universidade Federal de Ouro
Preto como requisito para a obtenção do
título de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Giacomo Patrocínio
Figueredo

Mariana/MG

2021

Ata de Defesa de Monografia

Em 13/08/2021, às 14 horas, realizou-se, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto, nos termos da Resolução COLET 02/2013, a defesa de monografia de Bacharelado em Tradução sob o título **A NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE DISCURSIVA EM INVISIBLE MAN: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL**, apresentada pelo discente **Lucas Alexandre Damasceno**.

Ao final dos trabalhos, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada para o julgamento, tendo os membros chegado ao seguinte resultado:

(X) aprovado com a nota 10,0 (dez)

() reprovado com a nota _____

Participantes da Banca:

Membro 1 - Prof. Dr. Giacomo Patrocínio Figueredo (presidente / orientador)

Membro 2 - Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior (UFOP)

Membro 3 - Profa. Dra. Karen Andressa Teixeira Santorum

(UFSM) Parecer da Comissão Julgadora*:

A Banca recomenda a publicação do trabalho na forma de artigo científico.

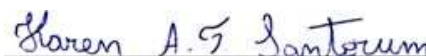
Finalizada a sessão reservada, o presidente informou aos presentes o resultado*. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e, para constar, os membros da Banca Examinadora firmaram a presente ata.



Membro 1



Membro 2



Membro 3

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à instituição Universidade Federal de Ouro Preto pelo suporte financeiro com as bolsas e pelo incentivo emocional com esse campus lindo do ICHS, cheio de pessoas maravilhosas e inteligentes.

Agradeço a todos os amigos e professores que fizeram parte de minha jornada na graduação, todos eles excelentes pessoas/profissionais.

Agradeço especialmente ao meu orientador Giacomo e aos meus colegas de pesquisa Rafaella, Gabriel e Laura. Sem nossas longas, produtivas e divertidas conversas eu não teria adquirido a expertise e confiança necessária para desenvolver esta pesquisa.

Gostaria de agradecer aos meus pais pelo inesgotável apoio e, em especial, à minha mãe que, numa tarde de 2017, quando eu estava prestes a trocar minha carteira para me tornar motorista de ônibus, me disse “Nossa Lucas, eu lembro que cê era bom na escola, todo mundo acreditava tanto nocê...”. Naquele momento eu comecei a planejar outra coisa pra fazer da vida.

“Some things are just too unjust for words, and too
ambiguous for either speech or ideas.”

— Ralph Ellison, *Invisible Man*

RESUMO

Esta pesquisa apresenta a negociação da identidade (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN *et al.*, 2010) no diálogo entre personagens da obra *Invisible Man* (ELLISON, 1952). Segundo críticos (CALLAHAN *et al.*, 2004; EDDY, 2003; EICHELBERGER, 1999; ELLISON, 1995), a temática da obra está centrada na identidade do protagonista e em questões adjacentes relativas a poder e controle a partir das figuras de autoridade com as quais ele se depara e que afetam sua visão de mundo. Pesquisas anteriores (CAFFAREL, 2004; HALLIDAY, 2002; HASAN, 1966; *id.*, 1975) apontam que um estudo não-linguístico do corpus está mais voltado para argumentação e persuasão do que para declaração sobre evidências concretas, o que confere mais subjetividade e menos objetividade às análises. Este trabalho tem por objetivo investigar a natureza das afirmações dos críticos em relação à obra, a partir do modo como elas estão instanciadas linguisticamente, mediante uma análise sistêmico-funcional a partir de sistemas que tratam da negociação da identidade entre falantes (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN *et al.*, 2010). A metodologia empregada consistiu na análise dos personagens da obra a partir das teorias da Linguística Sistêmico-Funcional que lidam com identidade e poder (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; EGGINS; SLADE, 1997; KNIGHT, 2010; MARTIN; WHITE, 2005). Foi compilado um *corpus* a partir do Capítulo 10 da obra, cujo enredo em particular apresenta três figuras de poder que dialogam com o protagonista em quatro cenas distintas. O *corpus*, constituído das falas de todos os personagens individualmente, foi fragmentado em orações numa planilha padrão para análises onde foi feito o mapeamento linguístico das funções dos sistemas de MODO, POLARIDADE, partículas de negociação, AVALIATIVIDADE, e categorias da *sintonia*. Em seguida, os dados de sistemas ocorridos no *corpus* foram analisados para elucidar como se dá a negociação da identidade no diálogo entre as personas de cada personagem e em cada contexto de situação (Cena). Os resultados apontam padrões recorrentes em determinados sistemas instanciados pelos personagens, enquanto personas, que apresentam ligação direta com o contexto de situação e com as comunidades e ideologias nas quais estão afiliados. Desse modo, os Estudos da Tradução (HALLIDAY *et al.*, 1964; HALLIDAY, 2001) sob o viés sistêmico-funcional podem se beneficiar da descrição de sistemas em prol da investigação da negociação da identidade.

Palavras-chave: estilística; identidade; invisible man; ralph ellison; semântica-discursiva

ABSTRACT

This research explores the negotiation of identity (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN et al., 2010) in dialog between the characters of the book *Invisible Man* (ELLISON, 1952). According to some critics (CALLAHAN et al., 2004; EDDY, 2003; EICHELBERGER, 1999; ELLISON, 1995), the book is centered on the narrator's quest for identity and adjacent issues concerning power and control towards the figures of authority he met in his path, who affected his perception of the world. Previous research (CAFFAREL, 2004; HALLIDAY, 2002; HASAN, 1966; id., 1975) pointed out that a non-linguistic study of the text is often focused on argumentation and persuasion rather than statements about concrete evidence, as it implies more subjectivity and less objectivity to their analysis. This paper aims to investigate the clear nature of the critics' statements about the book, regarding the way they are linguistically instantiated, through a systemic-functional analysis of the systems concerned with the negotiation of identity in texts (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN et al., 2010). The methodology consisted of analyzing the characters of the book on the perspective of Systemic-Functional Linguistics and its theories related to identity and power on text (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; EGGINS; SLADE, 1997; KNIGHT, 2010; MARTIN; WHITE, 2005). We compiled a corpus from Chapter 10 of the book, whose particular plot features three figures of power who dialogue with the protagonist in four distinct scenes. The corpus, comprising the lines of all the characters individually, was fragmented into sentences in a standard spreadsheet for analysis. We mapped the systems of MODE, POLARITY, particles of negotiation, APPRAISALS, *tenor* and *genre* categories. The data of the corpus was analyzed to elucidate how the negotiation of identities takes place in the dialogue between the personas of each character and in each context of situation (Cena). The results indicate recurring patterns in specific systems instantiated by the characters, as personas, which are connected with the context of situation and with the communities of affiliation and ideologies. In this way, Translation Studies (HALLIDAY et al., 1964; HALLIDAY, 2001) from a systemic-functional perspective can benefit from the description of systems in favor of the investigation of identity negotiation.

Keywords: stylistics; identity; invisible man; ralph ellison; discourse-semantics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: representação topológica da sintonia.....	22
Figura 2: esquema topológico do Sistema de AVALIATIVIDADE.....	29
Figura 3: o nível do Gênero na hierarquia de realização.....	31
Figura 4: hierarquia da individuação/afiliação.....	32
Figura 5: cline de relações da afiliação.....	35
Figura 6: exemplo de visualização do texto original do corpus.....	37
Figura 7: análise das orações dos diálogos.....	38
Figura 8: dados concatenados da persona de Sparland e do Narrador.....	39
Figura 9: representação topológica da relação de sintonia na Cena 1.....	42
Figura 10: representação topológica da relação de sintonia na Cena 2.....	47
Figura 11: cline representando a afiliação em questão.....	62
Figura 12: representação topológica da relação de sintonia na Cena 3.....	64
Figura 13: cline representando a afiliação em questão.....	70
Figura 14: cline representando a afiliação em questão.....	72
Figura 15: cline representando a afiliação em questão.....	74
Figura 16: representação topológica da relação de sintonia na Cena 4.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: FUNÇÕES DISCURSIVAS.....	24
Quadro 2: funções de Sujeito e Finito.....	25

NOTAÇÃO SISTÊMICA

Segue a formalização da produção de redes dos sistemas (MATTHIESSEN; HALLIDAY, 1997).

Categoria	Notação	Exemplo
Classe	Toda minúscula	oração, palavra, morfema
Opção/feature	Entre colchetes	[indicativo], [julgamento]
Função	Primeira maiúscula	Sujeito, Processo, Julgamento
Categorias	itálico	<i>sintonia, metafunção, gênero, estrato</i>
Sistema	Versalete	MODO, AVALIATIVIDADE

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	15
2.1 Objetivos gerais.....	15
2.2 Objetivos específicos:.....	15
3 JUSTIFICATIVA E EXPECTATIVA DE IMPACTO	16
3.1 Justificativa: LSF/Estilística	16
3.2 Expectativa de impacto: Estudos da Tradução	17
3.3 Expectativa de impacto: escrita criativa	17
4 REFERENCIAL TEÓRICO E CRÍTICO	18
4.1 A crítica literária e Invisible Man.....	18
4.2 Ruqaya Hasan e a Estilística (HASAN, 1966; <i>id.</i> ; 1975).....	20
4.3 A <i>sintonia</i> (EGGINS, 2004; EGGINS; SLADE, 2004)	23
4.4 Características do MODO (MARTIN <i>et al.</i> ; 1997; EGGINS, 2004).....	26
4.5 Sistema de AVALIATIVIDADE (MARTIN; WHITE, 2005)	30
4.6 Gêneros da conversa cotidiana (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN, 1997).....	32
4.7 <i>Individuação</i> (MARTIN, 2009)	34
4.8 <i>Afiliação</i> (KNIGHT, 2010).....	37
5 METODOLOGIA.....	39
5.1 Coleta do <i>corpus</i>	40
5.2 Sistematização da análise.....	41
6 ANÁLISE DOS DADOS	44
6.1 Cena 1.....	44
1 Relação “Mr. Sparland < > Narrador”	44

6.2 Cena 2.....	49
1 Relação Brockway < > Narrador	49
2 Narrativa.....	57
3 Argumentação.....	61
4 Vínculos afiliativos da Cena 2	66
6.3 Cena 3.....	68
1 Relação Sindicato < > Narrador	68
3 Vínculos afiliativos da Cena 3	75
6.4 Cena 4.....	81
1 Relação Brockway < > Narrador (discussão)	81
7 RESULTADOS	85
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
9 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	88

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho afilia-se aos Estudos da Tradução (HALLIDAY *et al.*, 1964; HALLIDAY, 2001) e, especificamente, à área da Estilística associada à Linguística Sistêmico-Funcional (HASAN, 1966; *id.* 1975; *id.* 1989; HALLIDAY, 2002). Busca-se aplicar seus conceitos no diálogo entre personagens de uma obra literária no que tange a gramática interpessoal (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014; EGGINS, 2004; MARTIN *et al.*, 2021), a AVALIATIVIDADE (MARTIN; WHITE, 2005), a análise de gêneros da conversa cotidiana (EGGINS; SLADE, 1997), bem como os sistemas envolvidos na negociação da identidade entre interlocutores (MARTIN *et al.*, 2010). Especificamente, será analisado o Capítulo 10 da obra *Invisible Man*, de Ralph Ellison (1952), cujos dados resultantes da análise poderão nos revelar como a temática da obra, centrada em questões de identidade, poder e controle (CALLAHAN *et al.*, 2004; EDDY, 2003; EICHELBERGER, 1999; ELLISON, 1995), são desenvolvidas no enredo através da negociação da identidade entre o protagonista e os outros personagens com quem ele dialoga.

Segundo a crítica literária, a temática da obra está centrada na identidade do protagonista, tema este complementado por questões adjacentes relativas a poder e controle, figuras de autoridade e papéis sociais (CALLAHAN *et al.*, 2004; EDDY, 2003; EICHELBERGER, 1999; ELLISON, 1995). Sobre análises do tipo, pesquisas anteriores apontam que um estudo não-linguístico do texto, seja ele por parte da crítica ou da teoria literária que a subsidia (COMPAGNON, 2001), está mais voltado para a argumentação e persuasão do que a declaração sobre evidências concretas presentes no texto (HASAN, 1966; *id.*, 1975; *id.*, 1989; HALLIDAY, 2002). Ou seja, a partir desse ponto de vista, a opinião da crítica literária apenas pode tecer uma opinião subjetiva sobre o tema 'identidade' e sua relação com o protagonista na obra. Em lugar de forçar o objeto à tona, “esses críticos deixam em seus trabalhos um resíduo não-diluído de seu próprio bom gosto que, apesar de ser impecável, requer nossa fé” (HASAN, 1966, tradução nossa).

Faz-se necessário buscar evidências concretas no texto a partir das alegações dos críticos em relação à obra *Invisible Man*, ou seja, como elas podem estar ali materializadas mediante uma análise linguística. Uma abordagem analítica do estilo de um texto poderia vir acompanhada de uma análise sistêmica daquilo que é linguisticamente proeminente no objeto (HALLIDAY,

2002), numa pesquisa que leve em conta a crítica literária, mas que seja aparelhada pelos sistemas da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF). Desse modo, a opinião da crítica sobre uma determinada obra poderia deixar definitivamente o campo da subjetividade e receber suporte a partir de evidências linguísticas em seu texto (HASAN, 1975). Assim, este trabalho busca contribuir com as pesquisas em Estilística e ampliar o respaldo de análises sistêmicas à Literatura e em particular à obra *Invisible Man*, fornecendo dados concretos sobre o texto da obra a partir de uma análise sistêmica de sua temática, centrada em questões de identidade, poder e controle (CALLAHAN *et al.*, 2004; EDDY, 2003; EICHELBERGER, 1999; ELLISON, 1995).

Cabe mencionar, rapidamente, outros teóricos que, amparados em suas respectivas abordagens teóricas, se debruçaram sobre a questão identitária de modo diferente. Por exemplo, sob um viés pragmático, temos a fala como prática identitária de Austin (1975). Assim como no presente trabalho, podemos mencionar aqueles que trataram da temática da identidade e que o fizeram sob um viés estilístico na construção de personagens no texto literário como Culpeper e Gerrig (2002) e Allbritton (1990); estes, porém, o fizeram numa abordagem cognitivista, portanto, não-sistêmica. O próximo passo seria então discorrer sobre o tema da obra - identidade – indicando quais teorias de base sistêmico-funcional podem ser empregadas, associadamente, numa investigação estilística orientada à identidade de personagens em um texto (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN *et al.*, 2010; MARTIN; WHITE, 2005).

Para esse fim, esta pesquisa utilizará as ramificações teóricas da LSF que tratam da identidade nos diálogos de um texto (HALLIDAY, 2008), ou melhor, da “identidade social enquanto negociação, no texto, de significados lá instanciados” (KNIGHT, 2010). Paralelamente, a Análise da Conversa Cotidiana (EGGINS; SLADE, 1997) terá um papel privilegiado na investigação sobre a negociação de identidades sociais em um diálogo. Outros sistemas da LSF que tratam do conteúdo interpessoal, relacionados ao caráter dessa análise, serão utilizados como os sistemas de MODO, POLARIDADE, partículas interpessoais, AVALIATIVIDADE, *sintonia* e *gêneros* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; MARTIN; WHITE, 2005, MARTIN *et al.*, 2021). A opção por esses sistemas se dá a partir da relação que seus estratos correspondentes têm com a natureza dessa investigação e que operam em diferentes níveis ou dentro de diferentes unidades linguísticas, sendo eles: (i) gramaticais; (ii) discursivas; (iii) semânticas; (iv) em contexto (EGGINS; SLADE, 1997).

A narrativa da obra é ambientada nos Estados Unidos em meados da década de 40, abordando questões da comunidade negra americana como racismo, segregação, movimentos sociais marxistas, identidade e invisibilidade social (CRABLE, 2012; EICHELBERGER, 1999). O protagonista do livro é um jovem negro em busca de um lugar no mundo que lhe pareça apropriado, seu nome não é pronunciado em nenhum momento, os outros personagens dirigem-se a ele apenas por apelidos. Ele também é o narrador da história, o que o caracteriza como um ‘narrador homodiegético’ (doravante Narrador), ou seja, um narrador que conta sua própria vida retrospectivamente a partir de impressões que teve em sua jornada (REUTER, 2002). Em seu caminho, o Narrador encontra figuras de autoridade pelos lugares onde passa (SMITH, 2004). Após inscrever-se em seus ideais, essas figuras passam a lhe impor apelidos e deveres, nos quais ele detecta intrincadas conexões de poder e controle (WRIGHT, 2004). Ao juntar-se a esses grupos, ele abre mão da autonomia sobre suas escolhas e sofre repetidas traições desses personagens:

Pode-se descrever a história do protagonista de Ellison como a busca de uma identidade apropriada. Ao longo de sua vida, ele encontra figuras de autoridade - Norton, Bledsoe, a Irmandade - que lhe impõem nomes falsos ou identidades temporárias. Suas experiências lhe ensinam que o ato de nomear está intrinsecamente ligado a questões de poder e controle. Quando ele tenta viver de acordo com os ditames dos outros, ele perde sua autonomia e sofre repetidas traições (SMITH, 2004, tradução nossa).

Não apenas por parte da crítica, a questão identitária e da invisibilidade social são os temas centrais da obra segundo declarações do próprio autor, como podemos conferir nesse trecho de uma entrevista, na qual ele respondeu a perguntas sobre *Invisible Man*:

Afinal de contas, trata-se de um romance sobre inocência, sobre o erro dos homens, sobre uma luta através das ilusões da realidade. Cada parte da história começa com uma folha de papel; cada pedaço de papel é trocado por outro e contém uma definição de sua identidade, ou do papel social que ele deve desempenhar, conforme definido para ele por outros. Mas todos dizem essencialmente a mesma coisa: "Não deixa esse neguinho parar". (ELLISON, 1955, tradução nossa).

Considerando que a trama da obra é centrada na construção da identidade do Narrador ao longo de sua jornada, (SMITH, 2004; CRABLE, 2012; EICHELBERGER, 1999), cabe perguntar:

- Como os sistemas da LSF citados podem ser capazes de revelar o modo como essas figuras de poder negociam sua identidade em seus diálogos com o Narrador?
- Como a Língua é manipulada pelo autor para criar significados que remetem à negociação da identidade do Narrador?
- Como o tema de que trata o autor se revela no enredo através de sua realização pelos sistemas da LSF que tratam da identidade?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivos gerais

Tendo como objetivo contribuir para estudos de Estilística na área da LSF (HASAN, 1975; id. 1989; HALLIDAY, 2002; CAFFAREL, 2004), busca-se utilizar um modelo teórico-metodológico que seja capaz de explicar como a dinâmica dos sistemas interpessoais; AVALIATIVIDADE, *sintonia* e os gêneros da conversa cotidiana realizam a identidade de personagens em uma narrativa literária a partir de seus diálogos (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014; MARTIN; WHITE, 2005; EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN *et al.*, 2021). A maneira como se dá a negociação da identidade no texto literário poderá elucidar como o enredo se desenrola nas relações entre os personagens e dará suporte linguístico e não-intuitivo à opinião da crítica literária sobre a obra *Invisible Man*.

2.2 Objetivos específicos:

- (i) Identificar os sistemas que contribuem para negociação da identidade nos diálogos entre o Narrador e outros personagens, presentes no capítulo 10 da obra.
- (ii) Analisar os sistemas e categorias linguísticas e suas configurações que realizam a identidade dos personagens.

(iii) Atualizar a definição de identidade e seus *keysystems*, em função da descrição da dinâmica de sistemas para a construção e desenvolvimento de personagens de narrativas de ficção em relação a sua identidade.

3 JUSTIFICATIVA E EXPECTATIVA DE IMPACTO

3.1 Justificativa: LSF/Estilística

Em primeiro lugar, a monografia se justifica por propor uma investigação sistêmica do texto, ampliando o respaldo de análises sistêmicas à Literatura, sobretudo à obra *Invisible Man*, nos fornecendo dados concretos em contraposição ao estudo não-linguístico do texto, seja ele por parte da crítica ou da teoria literária que a subsidia, estando este mais voltado para a argumentação e persuasão (HASAN, 1966; id. 1975; id. 1989; HALLIDAY, 2002). Especificamente, justifica-se pela análise da obra *Invisible Man*, de Ralph Ellison (1952), cuja temática relacionada a questões de poder e identidade (SMITH, 2004; ELLISON, 1995) abrem espaço para averiguar o potencial de aplicação dos sistemas da LSF à identidade de falantes em um texto (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN; WHITE, 2005; MARTIN *et al*, 2010).

A monografia se justifica também por contribuir para os estudos da LSF na área da Estilística, abrangendo vários níveis da estratificação, passando pela gramática, semântica-discursiva, registro e gênero. Existe uma especial relevância no estudo sobre a instanciamento de gêneros da conversa casual e sua estrutura em um texto dialógico, bem como sua implicação para a negociação da identidade. Embora a narrativa literária seja um gênero por si próprio, existem outros gêneros instanciados no texto, eles constituem parte da interação entre os personagens no desenvolvimento do enredo e podendo ser levados em consideração na análise literária. Um desses gêneros é o bate-papo, cujo funcionamento ainda precisa ser melhor descrito (EGGINS; SLADE, 1997). Sua descrição seria proveitosa frente às complexidades da interação na constituição da identidade de falantes (EGGINS; SLADE, 1997). Almeja-se comprovar a capacidade de descrição dos recursos gramaticais e semânticos no texto literário, identificando as características identitárias dos personagens sistemicamente e descrevendo seu comportamento à medida que eles negociam sua identidade nos diálogos.

3.2 Expectativa de impacto: Estudos da Tradução

No âmbito dos Estudos da Tradução, a descrição e o conhecimento de sistemas linguísticos (HALLIDAY *et al.*, 1964; HALLIDAY, 2001), que constroem a identidade de personagens em textos literários, pode contribuir para a análise textual prévia a ser feita em um *briefing* de tradução. Trata-se de um conjunto de instruções preparadas pelo cliente que tem o propósito de acompanhar o projeto de tradução, transmitindo informações relevantes sobre o texto de partida, sobre seu propósito comunicativo, o texto de chegada, o contexto a ser utilizado no produto final e sobre o receptor ou público-alvo; estabelecendo, assim, critérios de qualidade. Futuras pesquisas em traduções dessa obra ou sobre a temática da identidade em traduções podem ser contempladas com os resultados deste trabalho. No que concerne ao trabalho do tradutor, o profissional poderia fazer uso de uma descrição de texto da obra com maior grau de sensibilidade para uma eventual tradução da obra *Invisible Man* ou de qualquer texto literário que abordasse uma temática similar. Além desses apontamentos, o ensino de tradução literária pode se beneficiar em consideração a dois princípios fundamentais da linguística descritiva comparativa: um é a necessidade de 'descrever antes de comparar' no ato tradutório, o outro é 'comparar padrões, não línguas inteiras', visto que não se pode comparar como textos funcionam comparativamente se não tivermos, primeiro, descrito como cada um funciona (HALLIDAY, 1964).

3.3 Expectativa de impacto: escrita criativa

Além da contribuição para a Estilística, LSF e Estudos da Tradução, essa pesquisa poderia contribuir para um campo ainda pouco explorado pela Sistêmico-Funcional na área da Estilística, o da Escrita Criativa. Igualmente, essa pesquisa ampliaria o horizonte para a formação de escritores, uma vez que a pesquisa enriquecerá a tipologia de personagens de ficção, com relação às suas características identitárias, para sua criação, construção e desenvolvimento dentro de um enredo ficcional. Fomenta-se, assim, a capacidade para que, no futuro, escritores possam se beneficiar desses resultados e mais pesquisadores possam

contribuir com mais descrições sistêmicas funcionais de outras categorias da escrita criativa como: tipos de personagem; estruturas do enredo; estrutura do diálogo; evocação; construção e descrição de cenário; etc. (HYNES, 2015; BURROWAY *et al.*, 2014).

4 REFERENCIAL TEÓRICO E CRÍTICO

4.1 A crítica literária e *Invisible Man*

Pode-se descrever a história do protagonista de Ellison como a busca de uma identidade apropriada (CALLAHAN, 2004). Ao longo da sua vida ele encontra figuras de autoridade - Norton, Bledsoe, a Irmandade - que lhe impõem nomes falsos ou identidades forjadas (SMITH, 2004). Cada parte de sua história começa com uma folha de papel; cada folha de papel é trocada por outra e contém uma definição de si imposta, ou do papel social que ele deve desempenhar, tal como definido para ele por outros. Mas todos dizem essencialmente a mesma coisa: "Não deixa esse neguinho parar" (ELLISON, 1995). Ele recebe tão pouco reconhecimento pelos seus esforços que, para definir uma identidade significativa para si, assume novos nomes que sintetizam seus sentimentos de marginalidade: surge o 'homem invisível' (TATE, 2004).

A maior falha no caráter do herói é a sua vontade inquestionável de fazer o que lhe é exigido por outros para alcançar sucesso na vida, e esta foi a tradução específica de sua "inocência". Ele vai para onde lhe mandam; faz o que lhe mandam; nem sequer escolhe seu apelido como membro da Irmandade (ELLISON, 1995). Dolorosamente desiludido perante a descoberta da falsidade e manipulação dos membros da Irmandade para com a comunidade do Harlem, o jovem retira-se do contato com outras pessoas e instala-se num túnel subterrâneo abandonado, já no fim do enredo. Aí deve viver em isolamento quase total até ser capaz de descobrir alguma razão para voltar, algum significado do caos que involuntariamente descobriu (TATE, 2004).

O *Homem Invisível* é, acima de tudo, um romance sobre o processo de consciência, sobre como a travessia do narrador em busca do 'eu' é uma passagem através e também para além das versões do 'eu' que foram prescritas por outros (CALLAHAN, 2004). No início, acredita que o fato de ser negro é responsável pela sua situação, mas logo aprende que todos, negros e brancos, vivem num mundo sem lei, amoral e caótico, onde as intenções honrosas e os elevados

padrões morais têm pouco valor absoluto (TATE, 2004). Quando ele tenta viver de acordo com os ditames dos outros, perde a sua autonomia e sofre repetidas traições. Só descobre o verdadeiro significado da sua existência depois de assumir a responsabilidade de nomear a si próprio, contando a sua própria história (SMITH, 2004).

O tema da identidade é o ponto principal do livro. Ralph Ellison escreveu, quase exclusivamente, sobre identidade (EDDY, 2003). Identidade, segundo o autor, é o tema americano e a natureza de sua sociedade, dispersa de tal maneira que somos impedidos de saber quem somos apenas através de nossa percepção (ELLISON, 1995). A sociedade americana ainda é jovem, e essa na busca de si mesma expandiu-se frente às preocupações dos anos 50 com a chegada do Existencialismo, com a "crise de identidade" do homem pós-moderno e a introspecção que caracterizou a época (WRIGHT, 2004). E essa crise de identidade acaba por ser metaforizada na busca do protagonista por sua própria definição de si, o principal condicionador para sua invisibilidade.

Pode-se dizer também que sua invisibilidade "ocorre devido a uma disposição peculiar dos olhos daqueles com quem ele entra em contato, uma questão de construção dos seus olhos interiores" (ELLISON, 1995). É uma condição contingente, redutora da personalidade humana, mas, numa inversão ellisoniana, a invisibilidade também convida aqueles que não são vistos ou que são falsificados a engendrar suas próprias versões de identidade à luz de suas experiências (CALLAHAN, 2004). O protagonista do romance, por fim, abraça sua identidade como afro-americano e descobre que essa identidade lhe dá uma contemplação especial sobre o que ele chama de "o princípio sobre o qual o país foi construído" (CALLAHAN, 2004). Mas essa afirmação dificilmente seria bem aceita pelo *status quo*. Em vez disso, o Homem Invisível afirma uma realidade que está fora da falsa consciência da ideologia dominante (EICHELBERGER, 1999).

De certa forma, Ellison recapitula sua própria vida. Nascido em Oklahoma, em 1913, seus pais, que haviam migrado para lá alguns anos antes, esperavam que o novo estado os abraçasse, com melhores oportunidades abaixo da fronteira, no Sul, nos estados das leis Jim Crow. Assim como seu personagem, o jovem Ellison experimentou ambos os mundos na jornada do sul para o norte (BRYAN, 2012). O autor baseou a jornada do protagonista em sua própria, mas muitos leitores não acharam convincente a forma que esse personagem, de fato, descobre sua identidade e

reafirma a crença na democracia (EICHELBERGER, 1999), tampouco Ellison foi isento de críticas quanto a seu posicionamento em relação ao papel do afro-americano nos EUA (BRYAN, 2012). Mas uma das conquistas mais importantes do romance é que ele critica a fé ingênua de que a democracia sempre funciona na América, enquanto insiste que uma verdadeira democracia é possível. (EICHELBERGER, 1999). Lidar com questões morais da sociedade e os símbolos que nos rodeiam é que conectam a obra ao papel da literatura

Uma função da literatura séria é lidar com o núcleo moral de uma dada sociedade. Bem, nos Estados Unidos o negro e seu status sempre representaram essa preocupação moral. Ele simboliza, entre outras coisas, a possibilidade humana e social de igualdade (CALLAHAN, 2004, tradução nossa).

Como Albert Murray escreveu em *The Omni-Americans* (1990), o romance de Ellison conta "uma história prototípica que trata não apenas de um americano do século XX, mas também de um homem do século XX; a evidente precariedade da situação do negro americano simboliza a condição essencial de muitos. Além disso, tal como declarado por Ellison em seus ensaios e entrevistas, a invisibilidade estende-se muito para além da dimensão da raça, embora expresse brilhantemente a cegueira racial e o fanatismo (EDDY, 2003).

De fato, como nos lembra Ellison (1995), "somos todos nós - brancos ou negros, nativos ou imigrantes - membros de grupos minoritários que se tornaram americanos ao se apropriarem das culturas uns dos outros". No trabalho de Ellison, o que de certa forma pareceu ser contido ou apolítico - a sua ênfase na identidade, liberdade, e o vasto potencial de diversidade no cotidiano americana – mostrou-se mais radical do que a crítica de orientação política que o rejeitou; isto também se tornou parte da visão retrabalhada de nós mesmos nos anos do pós-guerra (SCOTT JR, 2004). A chave para compreender a abordagem de Ellison é a sua forma de explorar a dupla consciência do autor sobre si, o seu sentido de identidade como negro e como americano. Em sua resposta à pergunta de Baldwin sobre a América: "Será que quero realmente estar integrado a um lar em chamas?" ela teria certamente sido: "Sim, porque é a minha casa" (SCOTT JR., 2004).

4.2 Ruqaya Hasan e a Estilística (HASAN, 1966; *id.*; 1975)

De todas as aplicações da Linguística, aquela que estuda a Literatura é potencialmente a mais desafiadora. Tal abordagem pode ter contribuído, ao longo do tempo, com algumas formulações sobre como e por que a Língua na Literatura se diferencia de maneira significativa da utilizada em outros tipos de texto. Quando a Linguística apareceu com seu suporte teórico para a análise da Literatura, armada com um aparato de análise linguística e um tanto orgulhosa de sua orientação científica ao estudo da Língua, sua abordagem deixou os estudantes tradicionais de Teoria Literária um tanto indiferentes e talvez até um pouco hostis. Ficaram pouco impressionados pelas tabelas cuidadosamente preparadas e as frequências de *tokens* e *types* demonstradas sobre os textos analisados.

O que um estudioso esperaria conhecer sobre um texto literário que um crítico literário tradicional não poderia já ter proporcionado? Considerando o objeto proposto, seu estudo poderia trazer ao leitor uma visão mais detalhada sobre aquilo de que trata o texto. Quando apoiado em uma constatação sobre como o tema postulado é realizado linguisticamente no texto, a conclusão ganha mais valor. Para além disso, o texto não só ficará claro ao leitor sobre aquilo do que ele trata, mas também o que constitui o seu elemento artístico.

Não tardou a aparecer uma opinião contrária quanto aos benefícios de uma análise científica da Língua no texto literário. Segundo estes, se fossemos comparar o trabalho de um escritor ao de um pintor, poderia alguém propor, com seriedade, que a análise científica de um pigmento de tinta poderia apresentar relevância direta com a arte que um grande pintor cria em seu quadro? Claro, seríamos forçados a considerar que, diferente da questão do pigmento, a Língua é um sistema simbólico. É importante perceber que, apesar das aparências, a Linguística não está muito preocupada com o termo Literatura em si, mas sim com a expressão da Língua na Literatura.

De fato, a opinião da crítica literária possui limitações factuais. É apenas subjetiva e sempre requer a nossa fé. As razões para isso são óbvias, o entendimento da Língua em um texto literário é uma atividade complexa e todos os falantes de uma Língua podem executar tal papel interpretativo com grande ou pequeno grau de êxito. Até mesmo o entendimento mais profundo da Língua em um texto literário não implica, necessariamente, que há ali uma habilidade para constatar claramente e de maneira consistente o que há naquele texto que guiaria nos para uma interpretação e não a outra.

É sugerido que, para nos trazer tais confirmações, o pesquisador teria que ser treinado em observar como a Língua se comporta de maneira concreta para, assim, evitar o risco de citar frases e palavras isoladas como uma evidência. Não se trata da elaboração de um modelo de análise linguística capaz de lidar com todas as características de um texto que são relevantes a uma interpretação. Uma pretensão mais modesta seria: aquele treinando para observar a Língua e seu comportamento no texto literário estaria mais ciente da variedade de características combinadas que podem resultar em uma interpretação dos padrões linguísticos e não a outra.

Na Literatura, onde os padrões individuais são utilizados para operar de diversas maneiras, é desejável que alguém possa ter uma ampla ideia de quais aspectos da Língua estão engajados em sua materialização. Alguns padrões estão ali presentes por entre as unidades gramaticais e lexicais e, quando esses aspectos estão em discussão, é desejável utilizar tais padrões encontrados, desde que eles possam contribuir para a clareza da exposição, podendo ser mencionados quando necessário.

Considerando que a Linguística se debruça sobre o uso da Língua e a Literatura é criada através de uma configuração de seu sistema, ela tem que estar ciente das características de um texto de Literatura, nem que seja em seus aspectos meramente formais. Tanto o texto científico quanto literário possui em comum o fato de serem realizados pelo sistema da Língua, portanto, são acessíveis aos mesmos métodos. Um requisito ao qual esse modelo de descrição linguística deve estar adequado, neste trabalho, é que ele deve ser flexível e sensível a ponto de descrever os padrões linguísticos relacionados e as variantes encontradas em um texto de determinada Língua.

Contudo, se a descrição do funcionamento da Língua em um texto pode ser feita através de uma teoria linguística, uma análise estilística do texto literário necessita ir além. Por esta razão, a Estilística poderia ser considerada como uma aplicação da Linguística, e não apenas sua extensão. Uma vez que a Língua em um texto científico foi descrita linguisticamente e analisada e os resultados da análise comparados com outros resultados da mesma variedade, ou de uma diferente, o trabalho linguístico terminou. Mas no estudo estilístico de textos literários este seria apenas o ponto de partida.

Cada declaração enunciada resulta em uma tese a ser elaborada pelo pesquisador, pois cada enunciado tem uma função que executa na organização interna do texto; combinado a outros enunciados do texto que também realizam um determinado tema a partir de outros aspectos detectados. Aquilo que constrói o universo ficcional de um texto deve ser demonstrado pelo estudioso segundo seu grau de significância dada sua proeminência no todo do texto, o que lhe confere sua identidade.

4.3 A *sintonia* (EGGINS, 2004; EGGINS; SLADE, 2004)

Os textos não dependem apenas de seu conteúdo para fazer sentido, mas também de seu contexto. Em outras palavras, eles apresentam relação não só com seus elementos componentes, mas também com os contextos dentro dos quais se realizam. Para que intérpretes e/ou tradutores possam dar sentido aos acontecimentos descritos em suas interpretações, por exemplo, eles poderiam fazer uso de glossas contextuais, já que os acontecimentos linguísticos só seriam interpretáveis quando fosse fornecida informação adicional sobre o contexto de situação dentro de um contexto de cultura.

A Língua só se torna inteligível quando é relacionada ao seu contexto de situação (MALINOWSKI, 1946). Ao cunhar esse termo, Malinowski almejou captar o fato de que a situação em que as palavras são pronunciadas "nunca pode ser transmitida como irrelevante para a expressão linguística", e que "o significado de qualquer palavra é, em grande medida, dependente do seu contexto". Algo pronunciado na vida real não poderá ser desvinculado da situação em que foi pronunciado.

Seguindo a tradição semântico-funcional advinda das teorias de Firth, Halliday (1978, 1985) também se perguntou sobre quais aspectos do contexto são importantes para a análise de um texto, ou seja, quais deles fazem diferença na forma como utilizamos a língua. Ele sugeriu, por exemplo, que há três aspectos em qualquer instância textual: *campo*, *modo* e *sintonia*.

(i) *campo*: sobre o que estamos falando e como a Língua está sendo usada para determinado intuito;

(ii) *modo*: o papel que a própria Língua desempenha no processo de comunicação.

(iii) *sintonia*: o grau e amplitude entre os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores.

Este trabalho focará na definição e no método que concerne à *sintonia*, definida como "as relações entre os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores". Tais relações entre papéis podem ser exemplificadas, potencialmente, na relação entre estudante/leitor, cliente/vendedor, amigo/amigo, etc. A *sintonia* pode ser subdividida em duas dimensões: *status* e *contato*. Isto significa que a noção geral de "relações de papéis sociais" pode ser vista como um complexo destas três dimensões simultâneas:

(i) *status*: onde se posicionam, no contexto de situação, os papéis que estamos desempenhando, de *status igual* ou *desigual*. Exemplos de papéis de *status igual* são as rodas de conversa entre amigos; exemplos de papéis de *status desigual* (não recíproco) seriam os papéis de chefe/empregado.

(ii) *contato*: diz respeito aos papéis que estamos desempenhando a partir da relação de *contato* com o interlocutor (*distante* ou *íntimo*). Por exemplo, o *contato* entre cônjuges é *íntimo*, ao passo que ele é *distante* quando se trata apenas de conhecidos distantes.

Resumindo, a *sintonia* é proposta como uma categoria que relaciona a Língua a seu contexto de situação em função dos papéis desempenhados pelos interlocutores. Isso se daria porque os aspectos da relação entre papéis sociais, numa dada situação, teriam um impacto na forma como utilizamos a Língua:

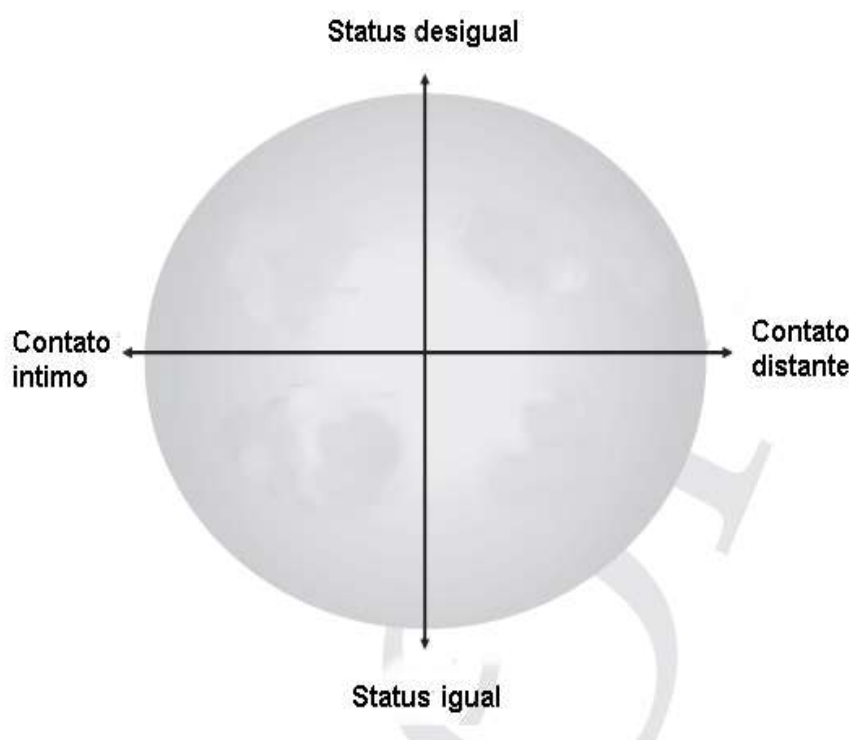


Figura 1: representação topológica da *sintonia*. Fonte: Martin *et al.* (2021).

Também podemos dizer que o uso da Língua irá variar em *sintonia* dependendo do contexto no qual estamos interagindo, sendo que o léxico irá variar em termos do seu grau de padronização. Por exemplo, em determinadas situações usamos gírias e formas abreviadas de palavras com maior frequência, por exemplo. Já em outras, usaríamos itens lexicais em sua forma completa e evitaríamos gírias.

Algo relevante para uma pesquisa que se proponha a lidar com a negociação da identidade é a relação do uso dos vocativos com a *sintonia*, devido à dinâmica de poder presente nos diálogos entre interlocutores (POYNTON, 1985). Em geral, vocativos são os adjuntos empregados pelos falantes quando desejam chamar a atenção de outras pessoas. A escolha do item lexical utilizado revela importantes detalhes sobre a relação entre falantes. O estudo de Poynton (1985) sobre os vocativos do Inglês australiano sugeriu que existem correlações entre as dimensões do *status* e do *contato* na escolha dos vocativos:

- Quando o *status* é *igual*, o uso do vocativo é recíproco - se eu lhe chamar pelo seu primeiro nome, é provável que você me chame pelo meu primeiro nome. Se eu usar um apelido, é grande a chance de que você também o faça.

- Quando o *status é desigual*, o uso do vocativo não será recíproco - você pode chamar o seu médico de Dr. Cláudio, mas é provável que ele te chame pelo primeiro nome.
- Quando o *contato é íntimo*, usamos abreviação do nome frequentemente - Dinho; Beto; Zé; etc.
- Quando o *contato é distante*, é provável que não usemos quaisquer vocativos - o funcionário dos correios, o condutor do autocarro, a atendente da loja, etc.

4.4 Características do MODO (MARTIN *et al.*; 1997; EGGINS, 2004)

As metafunções da gramática realizam três significados simultaneamente, um deles trata-se do ‘significado interpessoal’ da Língua. Sendo organizada pelo seu significado enquanto ‘troca’, a oração constitui um evento interacional entre interlocutores. Em seu ato de se comunicar, o falante adota para si um papel específico de fala e, ao fazê-lo, atribui ao seu ouvinte um papel complementar que ele espera que ele adote, por sua vez. Exemplo¹:

- "I'm looking for the man in charge" (declarativo)
- "You friends to one of those colored fellows?" (interrogativo polar)
- "What you want?" (interrogativo elemental)
- "Come on back here a minute" (imperativo)

Se analisarmos cada uma dessas frases como uma escolha possível em um diálogo, notamos que uma das diferenças entre elas está no papel que o falante assume - o falante pode estar ofertando algo ao destinatário ou exigindo algo dele, por exemplo. Enquanto bens e serviços existem de maneira independente da Língua (e podem ser negociados mesmo sem linguagem verbal), a informação é constituída na Língua e não existe fora dessa troca simbólica. Sobre sua estrutura, a distinção básica dentro do sistema gramatical do MODO é entre os tipos de modos Imperativo e Indicativo, sendo que o Indicativo tem a distinção adicional entre Declarativo e Interrogativo.

¹ Exemplos extraídos do corpus.

A chave para uma compreensão semântica do diálogo, então, é a metáfora de Halliday da troca (simbólica) entre os participantes, o que nos remete às noções de:

- (i) o papel assumido por um falante na troca;
- (ii) a natureza do bem a ser trocado ([bens e serviços] *versus* [informações]).

Estes são apresentados na Quadro 1. Afirmações e perguntas envolvem uma troca chamada de ‘Proposições’, enquanto as ofertas e comandos de [bens e serviços] são chamados de ‘Propostas’. Essas categorias semânticas são realizadas pela gramática do MODO.

Table 3.1 SPEECH FUNCTION CHOICES and MOOD realizations

	goods and services	information
giving	OFFER ↳ (various)	STATEMENT ↳ declarative <i>He will help me.</i>
demanding	COMMAND ↳ imperative <i>Help me!</i>	QUESTION ↳ interrogative wh- <i>Who will help me?</i> yes/no <i>Will he help me?</i>
	<i>proposal</i>	<i>proposition</i>

Quadro 1: FUNÇÕES DISCURSIVAS. Fonte: Martin *et al.* (1997).

As categorias apresentadas acima são de natureza congruente. Contudo, para entender a natureza semântica do diálogo, precisamos considerar também as metáforas que realizam as trocas de [bens e serviços]. Tais categorias seriam as metáforas interpessoais incongruentes que, semanticamente, expandem as opções discursivas utilizando estruturas de uma categoria congruente. Observe o exemplo das formas congruente incongruente de [demandar bens e serviços] (Proposta):

- “*Start with this here red one*” > Imperativo: congruente;
- “*You better stand back a little*” > Imperativo: incongruente = metáfora gramatical.

Tratamos brevemente da estrutura do MODO, nos concentrando em como as orações são estruturadas para permitir a troca de informações na semântica.

a) Elementos constituintes do MODO²:

Existem dois componentes essenciais do sistema de MODO da oração: o Sujeito e o Finito. O Finito torna uma oração negociável, codificando-a como ‘positiva’ ou ‘negativa’, em termos de tempo (é/não é; era/não era; será/não será; etc.) e em termos de modalidade (pode/deve ser, etc.). O Sujeito é o elemento sobre o qual a oração pode ser negociada. Os sistemas de Avaliação do MODO acrescentam significados relacionados com o julgamento do falante ou com o aspecto positivo/negativo do Finito. Observe o Quadro 1 abaixo:

Table 3.2 Functions within the Mood element

function	class of unit	example	IFG
(i) Finite	finite verb	<i>has</i>	p. 75
(ii) Subject	(typically) nominal group	<i>the girl</i>	p. 76
(iii) modal Adjunct	adverbial group	<i>already; unfortunately</i>	p. 81–3

Quadro 2: Funções de Sujeito e Finito. Fonte: Eggins (2004)

Como mostrado no Quadro 2, existem dois tipos de Avaliação do MODO, a partícula Modal e a partícula de Comentário. A partícula Modal constrói significados mais estreitamente relacionados com os do Finito, enquanto que as partículas de Comentário adicionam uma motivação, ou comentário, em relação à negociação.

b) ADJUNTOS MODAIS

ADJUNTOS MODAIS são constituintes que adicionam significados interpessoais a oração. Eles adicionam significados que, de alguma forma, estão conectados intrinsecamente ao diálogo e sua negociação. Eles impactam diretamente no MODO ao adicionar qualificações aos seus

² Esse é o sistema de MODO do Inglês, já que o corpus da pesquisa é o da obra original.

constituintes, ou indiretamente ao adicionar uma motivação quanto a interação como um todo. Existem quatro tipos principais de ADJUNTOS MODAIS:

- Adjuntos de modo: Adjuntos de modo podem expressar probabilidade, frequência, intensificação ou inclinação. Aqueles que expressam probabilidade estão relacionados diretamente com julgamentos do falante acerca da probabilidade de uma proposição.
- Adjunto de Polaridade: são o 'sim' e o 'não' que ocorrem em orações elípticas (- Did you hear that? - Yes.), ou também realizam outras opções quanto a interação, sendo que o Sujeito e o Finito elípticos podem ser ambos explicitados (- Did you hear that? – Yes, I did.).
- Adjunto de Comentário: enquanto os Adjuntos de modo e de Polaridade expressam significados que estão diretamente relacionados aos constituintes da oração, os Adjuntos de Comentário expressam avaliações que valem para o significado da oração como um todo. São considerados elementos interpessoais da oração, adicionando expressões de motivação e de avaliação do interlocutor (*honestly, really, frankly, absolutely, etc.*).
- Adjunto de Vocativo: esses adjuntos encontram-se na oração tendo como função designar o turno de um 'próximo falante'. Estes podem ser nomes (quando nomes não estiverem tendo função de sujeito ou complementos), quando tal adjunto fizer referência ao interlocutor designado (- *Did you read the text, Gabriel?*). Como os Adjuntos de Comentário, os Adjuntos de Vocativo impactam a oração inteira e não apenas uma parte dela (Sujeito, Finito ou Predicador).

c) Interrogativo polar e elemental

Interrogativos polares iniciando uma pergunta são respondidos por orações completas elípticas. Os tipos de elipse que são mais comuns são os Adjuntos de polaridade e modais, ou também um Adjunto de modo expressando probabilidade. (- Você já comprou o ingresso? - Sim/não/talvez).

Paralelamente, interrogativos elementais especificam o elemento suprido na resposta a uma pergunta. Frequentemente, respostas ao Interrogativo elementar envolvem orações elípticas. (- Quem escreveu o bilhete? - Ela).

4.5 Sistema de AVALIATIVIDADE (MARTIN; WHITE, 2005)

Um dos significados interpessoais que negociamos através da Língua diz respeito à forma como avaliamos as coisas, ou, aquilo de que estamos falando. São as motivações que expressamos sobre aquilo de que expressamos verbalmente bem como a força dessas motivações, as fontes a que as atribuímos e se nós estamos, ou não, nos afiliando discursivamente a uma ideologia. São significados que remetem diretamente à construção da identidade. A AVALIATIVIDADE preocupa-se com a forma como falantes constroem para si mesmos identidades autorais particulares ou personas, preocupa-se com a forma como se alinham ou se desalinham com entrevistados reais ou potenciais, e o modo como constroem em seus textos um público pretendido ou ideal. (MARTIN; WHITE, 2005)

Na LSF, a análise dos significados avaliativos utilizados na Língua é feita através do sistema de AVALIATIVIDADE. Esse componente interpessoal do significado constitui-se da influência do falante na situação de fala, com sua perspectiva sobre a troca de significados, sua atribuição a outros discursos e atuação a partir de seu papel discursivo. A premissa que sustenta esse tipo de análise é que, à medida que nos encontramos socializados em uma cultura, as reações emocionais ao mundo tornam-se codificadas na Língua de várias maneiras. Nossa reação emocional é ressocializada como julgamentos sobre caráter e comportamento e como apreciação de fenômenos naturais e sociais (incluindo bens, serviços, textos, performances, rituais, etc.)

Posteriormente, aderimos a esses julgamentos institucionalizados de modo que eles se tornam regulamentos que restringem nosso comportamento, em um sistema de penalidades e recompensas projetados por instituições da sociedade como a igreja e o estado. Nós nos adaptamos às escalas de valor que foram institucionalizadas e demarcadas em um sistema, muitas vezes, projetado por aqueles que têm o poder de ditar as regras do sistema social, por

exemplo - o preço que pagamos por bens e serviços, o pagamento que recebemos pelo nosso trabalho, ou a nota que obtemos na realização de tarefas.

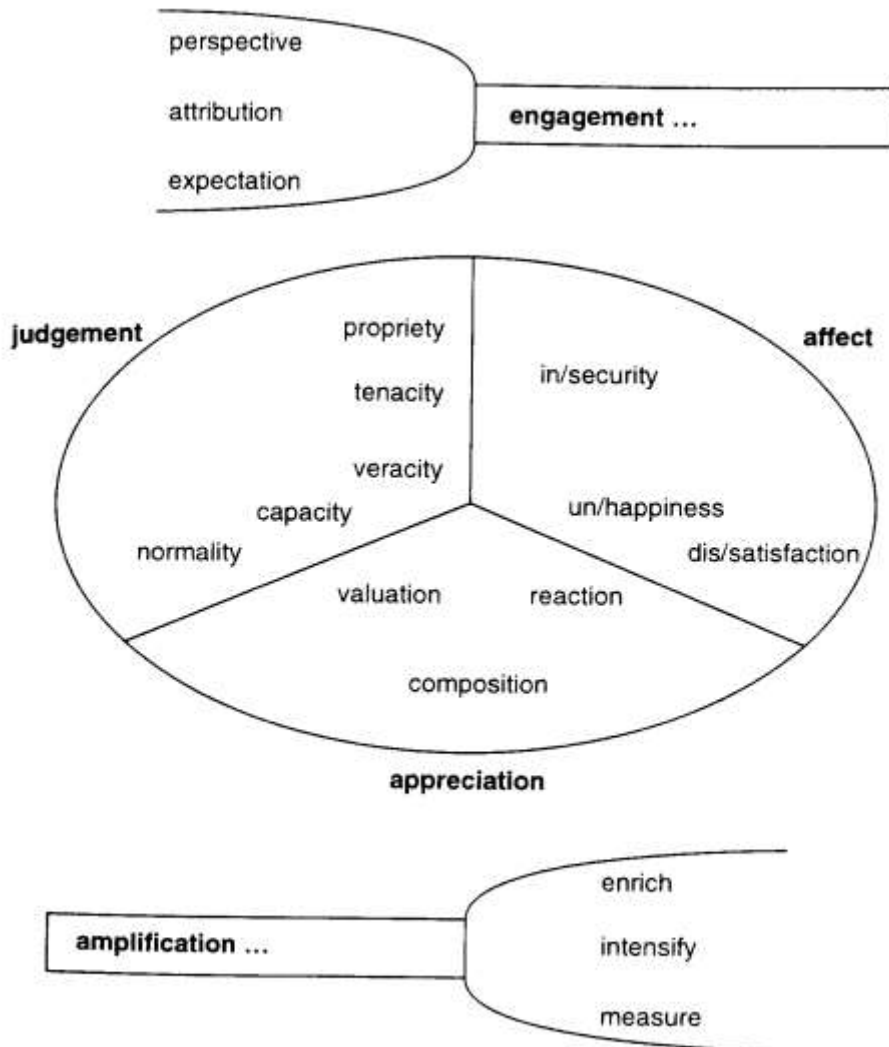


Figure 1.11 A topological perspective on APPRAISAL resources

Figura 2: esquema topológico do Sistema de AVALIATIVIDADE. Fonte: Martin (1997).

A essência do potencial de significado desta parte do sistema semântico é que a maioria das opções estão associadas ao ato de significação como um todo, ou seja, este significado interpessoal pode estar inserido em qualquer lugar ao longo da oração ou através de várias delas. A AVALIATIVIDADE é dividida em três domínios distintos que interagem - a MOTIVAÇÃO; a GRADAÇÃO e o ENGAJAMENTO. A MOTIVAÇÃO é o sistema que trata dos sentimentos expressos

do interlocutor, incluindo suas reações emocionais, julgamentos de comportamento ou a avaliação de alguma coisa. O ENGAJAMENTO trata das motivações referentes à heteroglossia, no jogo polissêmico em torno das opiniões expressas no discurso. A GRADAÇÃO trata do grau, para mais ou para menos, de nossa avaliação, podendo também selecionar o quanto queremos amplificá-la ou atenuá-la no discurso.

A MOTIVAÇÃO, a partir daí, é subdividida em três sub-regiões - AFETO, JULGAMENTO E APRECIÇÃO. O AFETO trata de recursos que dizem respeito a expressão e interpretação de reações emocionais. O JULGAMENTO diz respeito aos recursos que dispomos para avaliar um comportamento de acordo com vários princípios normativos. A APRECIÇÃO lida com os recursos para a interpretação do valor de coisas materiais, incluindo fenômenos naturais e semioses.

Por sua vez, o ENGAJAMENTO refere-se à forma como recursos tais como PROJEÇÃO, MODALIDADE, POLARIDADE e COMENTÁRIOS posicionam o interlocutor em relação ao receptor, e também em relação ao que está sob avaliação - citando ou relatando, reconhecendo uma possibilidade, negando, contrariando, afirmando, etc. Essa perspectiva dialógica nos remete a maneira como o falante está situado em relação a outros falantes, posicionando-se a respeito de uma questão sob um sistema de crenças ou valores compartilhados.

A GRADAÇÃO diz respeito à gradabilidade que um dos recursos citados pode assumir no texto. Uma vez que os recursos discursivos são intrinsecamente graduáveis, a GRADAÇÃO tem a ver com o ajuste escalar do grau de uma avaliação, por exemplo - quão forte ou fraco um sentimento é expressado. Sua realização compreende recursos como intensificação, morfologia comparativa e superlativa, repetição e várias características grafológicas e fonológicas, juntamente com o uso de itens lexicais de intensificação variada (odiar > não gostar realmente > não gostar muito > gostar um pouco, etc.). Como se pode ver até aqui, a abordagem em relação aos sentimentos expressos textualmente acaba indo além de uma construção puramente linguística ou gramatical.

4.6 Gêneros da conversa cotidiana (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN, 1997)

Durante a década de 80, em Sydney, as abordagens sistêmico-funcionais da Língua foram reestruturadas para além do *registro* (*campo, modo e sintonia*) e passou a incluir um nível mais abstrato do sistema chamado *gênero* (EGGINS; SLADE, 1997; MARTIN, 1997). Este modelo estratificado do contexto social é mostrado na Figura 3. Neste modelo, *gênero* é uma categoria que compreende as configurações do *registro* e que se articula em etapas padronizadas do texto, segmentando-o, ou seja, um padrão geral genérico é realizado a partir dos padrões de *registro*. A definição funcional de *gênero* poderia ser resumida, também, como um processo realizado e orientado de acordo com um determinado objetivo social (MARTIN, 1997).

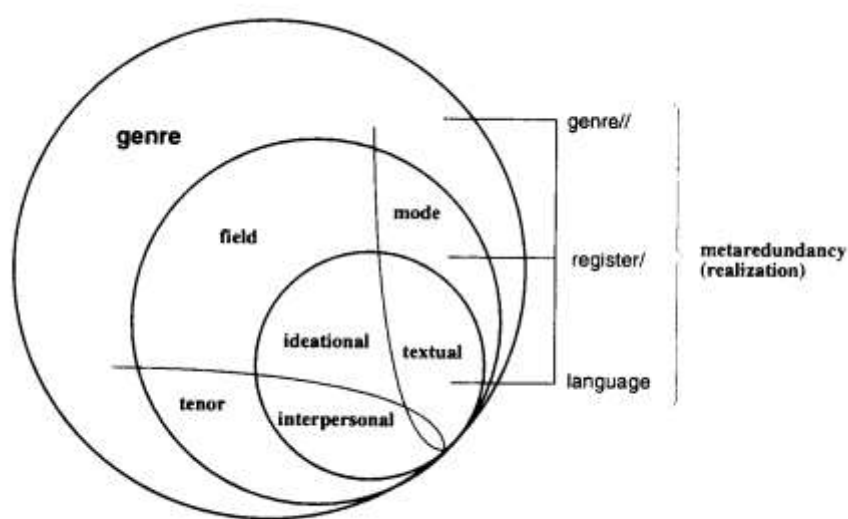


Figura 3: o nível do Gênero na hierarquia de realização. Fonte: Martin (1997)

Os gêneros, na conversa cotidiana, teriam papel privilegiado na construção de identidades sociais e no desempenho das relações interpessoais (EGGINS; SLADE, 1997). É em tais contextos que a realidade é construída, nos micro-encontros semióticos da vida cotidiana (HALLIDAY, 1978). Por exemplo, a narração de histórias em uma conversa desempenha uma função de entretenimento. Mas se a narrativa é feita no contexto de uma discussão ou de uma fofoca, a conversa cotidiana também realiza identidades sociais e relações interpessoais. Apesar de, aparentemente, não querer significar nada além de entretenimento, algumas das funções do humor também têm esse papel em conversas casuais, considerando que o humor é um recurso importante para alcançar dimensões interpessoais diversas (KNIGHT, 2010).

A análise da conversa cotidiana poderia explorar igualmente os três tipos de significado propostos pela LSF (interpessoal; ideacional e textual), contudo, nos centraremos na análise dos significados interpessoais por razões que concernem ao enfoque deste trabalho. Acredita-se que a tarefa principal da conversa cotidiana é a negociação da identidade social e das relações sociais, ou seja, a conversa cotidiana e seus gêneros seriam "impulsionados" por significados interpessoais em vez de significados ideacionais ou textuais. Dada a prioridade dos significados interpessoais na motivação e na estruturação de conversas cotidianas, qualquer análise abrangente deve ser capaz de oferecer um quadro para descrever padrões interpessoais na conversa. O foco, portanto, estará nos significados interpessoais expressos nessas conversas.

Em sua relação com o *registro* (contexto de situação), também podemos ver uma correlação entre as variáveis da *sintonia* e os padrões na conversa cotidiana tanto em função da sua duração quanto em função do tipo de interação:

- Quando o *contato* é *distante* (por exemplo, uma conversa com o seu vizinho), as conversas tendem a ser bastante breves; com o *contato* é *íntimo* (por exemplo, entre amigos), as conversas podem durar horas. Além disso, quando o *contato* é *distante*, a conversa enfatiza o consenso e o acordo entre os interlocutores; quando o *contato* é *íntimo*, é provável que a conversa seja caracterizada por controvérsia e desacordo (contrariando o senso comum).

4.7 Individuação (MARTIN, 2009)

O teórico Basil Bernstein (2000) e sua teoria de 'reservoir' da cultura e 'repertoire' serviram de base para formular a *individuação*, termo cunhado na LSF por Matthiessen em 2003. Essa dimensão teórica apresenta uma perspectiva sobre a identidade que é sustentada pela noção de ideologia e está relacionada à maneira que os indivíduos podem demonstrar ter acesso a recursos linguísticos da cultura de maneira diferente entre si. "Usarei o termo 'repertoire' para me referir ao conjunto de estratégias e o potencial analógico presente em qualquer indivíduo, e o termo 'reservoir' para me referir ao todo cultural e seu potencial comunitário como um todo" (BERNSTEIN, 2000).

Os conjuntos de estratégias e seu potencial analógico referido por Bernstein envolvem regras de ‘reconhecimento’ e ‘realização’. As regras de reconhecimento permitem aos falantes identificar a especificidade ou semelhança dos contextos e, portanto, orientarem-se ao que é esperado para ou legitimado em determinado contexto; as regras de realização permitem que os falantes produzam textos e práticas culturais específicas.

De modo geral, a *individuação* seria criada a partir de uma interdisciplinaridade entre LSF e sociologia da educação ao modelo de Basil Bernstein. Martin (2009) caracteriza a *individuação* como uma hierarquia diferente e paralela às outras hierarquias da LSF, tais como instanciação e realização, pois se trata de um alinhamento dos códigos com a noção de ideologia:

A instanciação explora a relação entre o ‘reservoir’ de sistemas que povoam a hierarquia de realização e sua manifestação no texto. A *individuação* explora a relação entre este ‘reservoir’ e o ‘repertoire’ instanciado por indivíduos em textos (MARTIN, 2009, tradução nossa).

O conceito de *individuação* estabelece uma diferença entre uma instância textual e a identidade que é realizada ao longo do texto - isto é, o falante estaria individualizando a Língua de acordo com um determinado valor social no sistema, mas ao mesmo tempo o instancia (dois processos acontecendo ao mesmo tempo). Discute-se a fusão de valor social com o *campo* como elemento de Vínculo que agrega participantes às comunidades discursivas, nas quais eles podem alinhar-se em torno de valores compartilhados, impactando assim nas identidades comunitárias dos participantes como atores sociais.

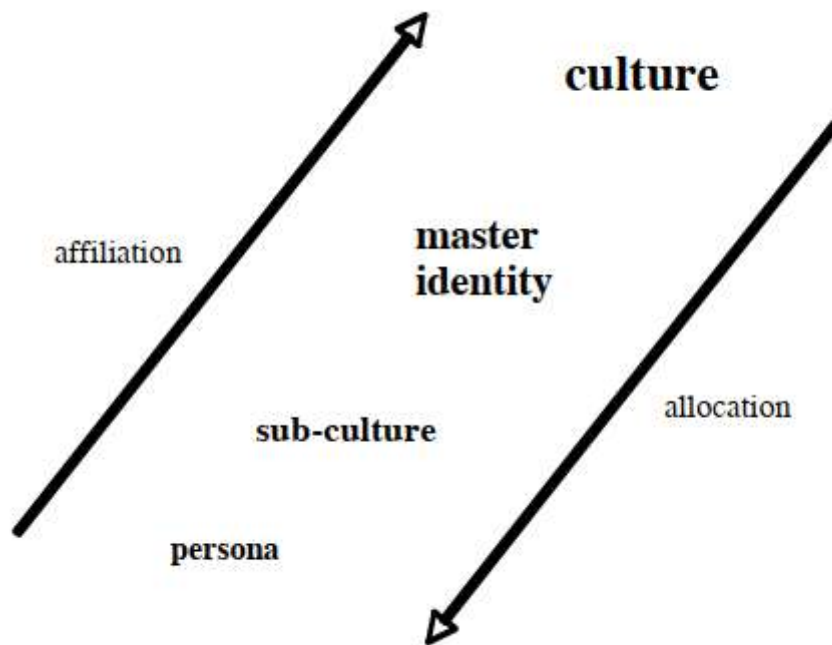


Figura 4: hierarquia da *individuação/afiliação*. Fonte: Martin (2009)

Podemos pensar na *individuação* a partir de duas estratégias diferentes: quando estamos classificando as identidades ou negociando-as. Seguindo a trajetória de ‘reservoir’ para ‘repertoire’, podemos conceber uma cultura dividida em comunidades cada vez menores à medida que passamos da comunidade como um todo através de identidades mestras ligadas a ideologia (geração, gênero, classe, etnia, etc.) e de comunidades discursivas para as personas que compõem os membros individuais. Nesse caso, o que nos importa aqui são as regras de poder, de classificação e reconhecimento – definindo os limites entre identidades.

Na outra perspectiva, podemos conceber uma persona alinhando-a em subculturas, configurando identidades mestras e constituindo uma configuração da cultura. Ao longo dessa trajetória estamos preocupados com a negociação entre e através de identidades. Martin (2009) considera que *alocação* seja um nome adequado para a primeira trajetória (de cima para baixo) e *afiliação* para a segunda (de baixo para cima). Assim como na hierarquia de realização, todos os estratos individualizam.

4.8 Afiliação (KNIGHT, 2010)

Outro fator definidor da identidade social no discurso deriva da nossa inclinação ou não para nos afiliarmos a vários grupos sociais formais e informais, tais como família, colegas de trabalho, colegas no nosso grupo de estudos, falantes de um bairro, etc. A *afiliação* refere-se à maneira como nos identificamos com os valores e crenças das pessoas com quem nos relacionamos em diferentes contextos sociais. Podemos estar pré-dispostos a nos identificar e nos afiliarmos com certos grupos sociais (por exemplo, roda de amigos e família), ou podemos procurar ser aceitos por outros, inicialmente, como um "novato" (por exemplo, um novo empregado no local de trabalho). Por outro lado, podemos estar felizes ou infelizes com nosso posicionamento em relação a outros membros num grupo social (por exemplo, o membro que sofre *bullying* e não é aceito no escritório), ou podemos estar contestando uma *afiliação* referente a um período anterior da nossa vida social (por exemplo, alguém que já foi um adolescente rebelde na família).

De modo geral, a identidade, sob a perspectiva da *afiliação*, consiste em negociar quem você é em um texto, estabelecendo proximidade (Vínculo) ou distância do interlocutor na interação. É no compartilhamento de significados atitudinais (Atrelamentos) em relação a um valor ideacional que os participantes se alinham às comunidades, onde eles negociam constantemente seu potencial para se vincularem a tais valores construindo solidariedade. Ele leva em conta a identificação em comum dos participantes em Comunidades discursivas.

As Atrelagens são as combinações, a partir do sistema, de significados atitudinais (interpessoais) para com a ideação, o que pode nos trazer informações sobre como os participantes compartilham e interpretam valores por meio de significados que são aparentemente de natureza experiencial (atrelagem dos significados: avaliação + ideação que realizam vínculos sociais). Os participantes e aquilo sobre o que estão falando são codificados ou ligados a valores interpessoais que trabalham para criar a tensão, pois os participantes têm valores particulares para experiências particulares que podem, nem sempre, alinhar-se entre um participante e outro. Ou seja, um indivíduo pode ter uma avaliação sobre algo que o outro tem ou não.

Assim como outros níveis da Língua, as Atrelagens também instanciam, não só no sentido de uma seleção recorrente de características, mas também na maneira como eles são combinados. Uma investigação sobre determinada Atrelagem nos permite descrever mais do que a frequência de cada uma das expressões que esta seleciona, as instâncias textuais do indivíduo nos trazem informações sobre seu repertório ontogenético de gêneros. A ideia é tentar distinguir o repertório de um indivíduo de outros.

Uma Atrelagem é um padrão no desdobramento logogenético do texto que realiza um Vínculo a partir de um determinado contexto sociocultural. Um ‘Vínculo’ pode ser definido como o padrão cultural pelo qual construímos discursivamente nossas identidades através de mecanismos como a risada, por exemplo (um exemplo disso será mostrado abaixo). A *afiliação* se dá a partir do Vínculo, que é descrito como um processo social de alinhamento às comunidades a partir de valores compartilhados.

Em suma, negociamos discursivamente nossas identidades comunitárias por meio dos Vínculos que podemos compartilhar, e esses Vínculos constituem os conjuntos de valores de nossas comunidades e, mais acima, da ideologia para a cultura como um todo, mas estes não são estáveis e fixos - nas sociedades pós-coloniais, os cinco fatores mais gerais que nos posicionam ideologicamente são geração, gênero, etnia, capacidade e classe (ver Figura 5 abaixo). Por ‘geração’, referimo-nos às desigualdades associadas ao amadurecimento; ‘gênero’ abrange diferença sexual; ‘etnia’ está preocupada com divisões raciais, religiosas e outras divisões culturais; ‘capacidade’ refere-se a habilidades e deficiências de vários tipos; a ‘classe’ baseia-se na distribuição de recursos materiais e é, sem dúvida, a dimensão mais fundamental, uma vez que é a divisão da qual nossa ordem econômica pós-colonial depende em última instância (MARTIN; ROSE, 2008). O potencial de significado do sistema de linguagem é limitado à Atrelagens na medida que as comunidades reúnem diferentes Vínculos, valorizando significados ideacionais diferencialmente em várias redes sociais da cultura, de modo que o discurso é muitas vezes infundido com determinados conjuntos de valores. Em analogia à representação da *individuação* de Martin (2009), e adotando uma perspectiva sistêmica sobre a socialização, a *afiliação* e seus parâmetros serão representados por um cline, onde estarão dispostos seus graus de generalidade.

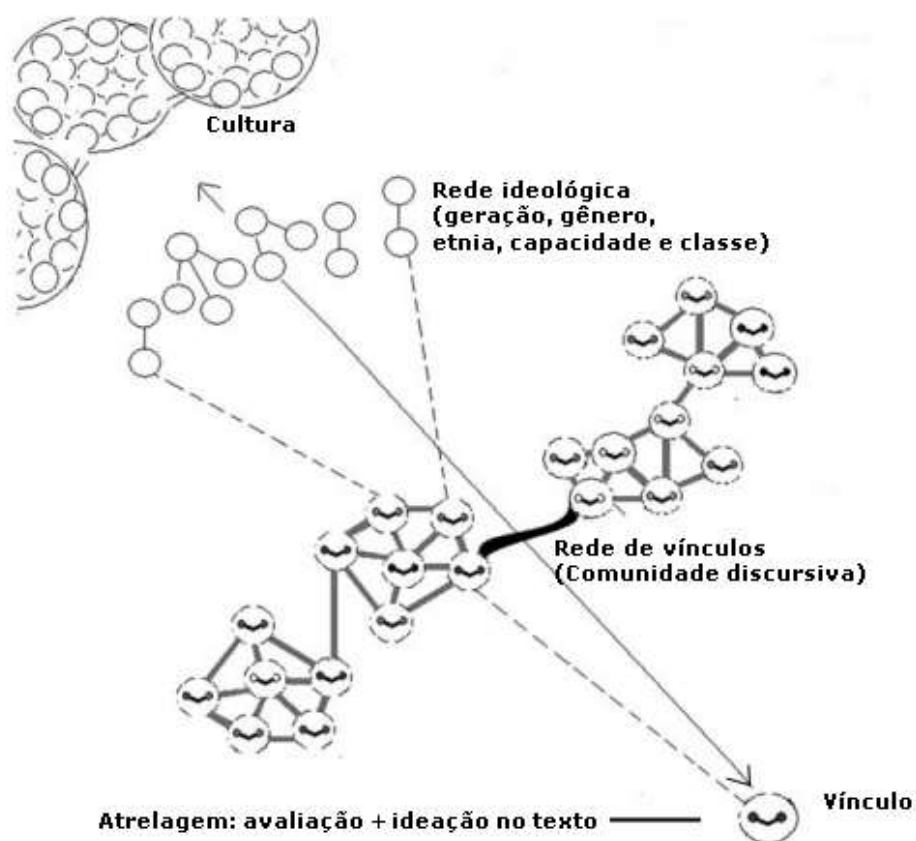


Figura 5: cline de relações da *afiliação*. Fonte: Knight (2010).

A *afiliação/individuação* é, portanto, uma teoria sobre ‘identidades compartilhadas’. Ao apresentar/reagir no discurso a Atrelagens, os participantes negociam quem eles são com base no Vínculo criado que compartilham (ou não). Ou seja, os indivíduos se afiliam a uma rede social ao se identificarem simultaneamente como membros de uma comunidade de valores e não de outra. Assim, os Vínculos oferecem uma descrição da identidade de um interlocutor através de indícios no texto e não apenas através de seu potencial de significado individual. Apesar de tanto a *individuação* quanto a *afiliação* impactarem sobre uma identidade, são abordagens diferentes sobre um mesmo fenômeno (*afiliação*, como dito antes, se dá de baixo para cima).

5 METODOLOGIA

5.1 Coleta do *corpus*

O texto que constitui o *corpus* foi extraído da versão digital em inglês do livro *Invisible Man*, especificamente o Capítulo 10, onde ocorrem os diálogos entre os personagens:

1. Narrador < > Mr. Sparland, 2. Narrador < > Brockway, 3. Narrador < > membros do Sindicato, 4. Narrador < > Brockway (novamente), nas quatro cenas que compõem o capítulo.

O Capítulo 10 foi escolhido entre os demais por conter características que são recorrentes ao longo do livro - foi construído em torno das questões identitárias durante a experiência do Narrador de apenas um dia na fábrica (SMITH, 2004), onde ele lida com tais figuras de poder, três delas somente nesse capítulo - Mr. Sparland, Brockway e o Sindicato. Outro motivo é que, nos diálogos entre os personagens, percebem-se gêneros da conversa cotidiana operando de maneira prototípica, passíveis de investigação para além de seu papel como negociadores da identidade (EGGINS; SLADE, 1997).

O capítulo descreve o episódio que sucede a chegada do protagonista a Nova York. Recém chegado, ele logo arruma um emprego numa fábrica de tintas, onde exercerá funções de baixa remuneração. Em seu primeiro dia, ele é enviado pelo gerente geral da fábrica, Mr. Sparland (com quem dialoga primeiro sucintamente) para ser ajudante do personagem Brockway, um senhor de idade não alfabetizado que cuida sozinho do maquinário que produz as tintas, no subsolo. Apesar de não ter sido educado formalmente, Brockway tem expertise de engenheiro em seu trabalho e se orgulha disso. Durante seu contato com o Narrador, entre um pequeno comando e outro, ele conta histórias sobre sua trajetória na fábrica, gabando-se por suas pequenas contribuições e das recompensas que recebeu de seus chefes.

Cabe ressaltar que a voz subjetiva do Narrador entre as falas não foi considerada, dada a natureza da análise da identidade pautada apenas na negociação em diálogo. A leitura, para subsequente extração do *corpus*, foi feita através do programa Adobe Acrobat Reader DC.

IT WAS a deep basement. Three levels underground I pushed upon a heavy metal door marked "Danger" and descended into a noisy, dimly lit room. There was something familiar about the fumes that filled the air and I had just thought pine, when a high-pitched Negro voice rang out above the machine sounds.

"Who you looking for down here?"

"I'm looking for the man in charge," I called, straining to locate the voice.

"You talkin' to him. What you want?"

The man who moved out of the shadow and looked at me sullenly was small, wiry and very natty in his dirty overalls. And as I approached him I saw his drawn face and the cottony white hair showing beneath his tight,

Figura 6: exemplo de visualização do texto original do *corpus*.

Após a coleta, foi averiguado, através da transferência do *corpus* para o programa *Microsoft Word*, que este possui 7653 *tokens*, segundo a contagem de palavras disponível no software. O termo "*token*" refere-se ao número total de palavras em um texto, independente da frequência com que elas se repetem (BIBER, 2006). Em seguida, o *corpus* foi dividido em quatro partes, sendo cada uma delas:

1. Narrador e Sparland
1. Narrador e Brockway
2. Narrador e membros do Sindicato
3. Narrador e Brockway (novamente).

Cada uma das quatro partes foi transferida a uma planilha padrão para análise diferente, com todo o *corpus* fragmentado em orações individuais a ser analisado a partir de cada sistema e suas respectivas opções/*features*, facilitando a investigação de suas características sistêmicas.

5.2 Sistematização da análise

Os diálogos foram separados em orações numa tabela onde foi feito o mapeamento linguístico de suas funções sistêmicas - sistemas de MODO, POLARIDADE, partículas de negociação, AVALIATIVIDADE e opções da *sintonia* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; MARTIN; WHITE, 2005; EGGINS; SLADE, 1997).

ID	ORAÇÃO	TEMA INTERPESSOAL	MODO	MODALIDADE	POLARIDADE
Narrador e Brockaway_1	BR: "Who you looking for down here?"		ind_interrogativo_eleme		
Narrador e Brockaway_2	NR: "I'm looking for the man in charge."		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_3	BR: "You talkin' to him."		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_4	"What you want?"		ind_interrogativo_polar		
Narrador e Brockaway_5	BR: "All right."		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_6	"I'm a busy man."		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_7	"What you want?"		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_8	NR: "I'm looking for Lucius."		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_9	BR: "That's me --"		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_10	and don't come calling me by my first name."		imperativo_jussivo		
Narrador e Brockaway_11	"To you and all like you I'm Mister Brockaway."		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_12	NR: "You...?"		ind_interrogativo_polar		
Narrador e Brockaway_13	BR: "Yeah, me!"		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_14	"Who sent you down here anyway?"		ind_interrogativo_eleme		
Narrador e Brockaway_15	NR: "The personnel office. I was told to tell you"		ind_declarativo		
Narrador e Brockaway_16	that Mr. Sparland said for you"		dependente		
Narrador e Brockaway_17	to be given an assistant."		dependente		
Narrador e Brockaway_18	BR: "Assistant!"		ind_declarativo_exc		
Narrador e Brockaway_19	BR: "I don't need no damn assistant!"		ind_declarativo	comentário	negativa
Narrador e Brockaway_20	Old Man Sparland must think"		ind_declarativo	mod_probabilidade	

Figura 7: análise das orações dos diálogos no Google Sheets.

Como exemplificado na Figura 7, cada oração de cada tabela recebeu etiquetas do tipo:

1. <Narrador e Sparland_1> para a primeira tabela,
2. <Narrador e Brockaway_1> para a segunda,
3. <Narrador e Sindicato_1> para a terceira e
4. <Back to Brockaway_1> para a quarta tabela.

Cada tabela possui colunas perfiladas horizontalmente, sendo cada uma delas correspondente a um sistema relevante para a negociação da identidade - TEMA INTERPESSOAL; MODO; MODALIDADE; POLARIDADE; VALIDAÇÃO; VOCATIVO; AVALIATIVIDADE e *sintonia*. Cada tabela equivale a uma cena onde ocorre um diálogo entre dois personagens (doravante Cena), ou seja, um contexto de situação diferente com sua própria configuração de *registro*, sistematizando a análise da *sintonia*. A representação topológica da *sintonia* possui duas variáveis (*status* e *contato*) que ocorrem entre os dois falantes em determinada Cena (Figura 1).

Em seguida, os dados de co-seleção dos sistemas foram concatenados no Google Sheets e calculados na ferramenta *Wordlist*, do software *AntConc*, a partir das falas de cada personagem em separado de cada Cena. Eles aparecerão nas figuras seguintes como linhas de sistemas co-seleccionados horizontalmente: MODO, MODALIDADE, POLARIDADE, VALIDAÇÃO, VOCATIVO, ENGAJAMENTO, MOTIVAÇÃO, GRADAÇÃO, *Status* e *Contato*) e em ordem de maior para menor, verticalmente, de acordo com a frequência dos recursos utilizados por cada personagem em questão. Os trechos de diálogo em que aparecem Vínculos afiliativos (pertinentes à afiliação) e os gêneros foram coletados separadamente do texto no Acrobat Reader à medida que são instanciados pelos personagens.

Rank	Freq	Word
1	1	dependente modo brigaçãopositiva selectvalid selectvocat heteroglossia atribuir seleção força altadesigual distante baixo verbal projeção
2	1	dependente selectmodalpositiva selectvalid selectvocat monoglossiasemseleção seleção desigual distante baixo material transforma
3	1	dependente selectmodalpositiva selectvalid selectvocat monoglossiasemseleção seleção desigual distante baixo relacional atribu
4	1	imperativo jussivo ordem comentário positiva selectvalid selectvocat monoglossiasemseleção seleção desigual distante baixo verbal projeção
5	1	imperativo jussivo ordem selectmodalpositiva selectvalid selectvocat monoglossiasemseleção seleção desigual distante baixo material transforma
6	1	ind declarativo selectmodalpositiva selectvalid selectvocat monoglossiasemseleção seleção desigual distante baixo relacional identidade
7	1	selectmodo selectmodalpositiva selectvalid selectvocat monoglossiasemseleção seleção desigual distante baixo selectprocesso

Figura 8: dados concatenados dos sistemas mostram os sete recursos utilizados pela persona de Sparland em seu diálogo com o Narrador³

De modo a ser pertinente à teoria da *individuação*, cada personagem em diálogo será referido, doravante, como ‘persona’. O termo ‘persona’, prevista no cline de *individuação* (Figura 4), é o ‘papel social instanciado pelo falante em um determinado contexto de situação (Cena)’. Este papel social que ele instancia seria constituinte de sua identidade (repertoir). Logo, sob o ponto vista desta pesquisa, a identidade do Narrador resultaria da soma de suas personas nas quatro Cenas, cada uma realizada por determinadas co-seleções de sistemas:

Identidade = soma das personas de cada Cena = recursos utilizados por cada persona = co-seleção de sistemas = instância no texto/*corpus*

³ Se fossem analisadas mais quatro cenas com mais quatro personas de Sparland, a soma das quatro resultaria em sua ‘identidade’, sob o ponto de vista desta pesquisa.

Os recursos instanciados por cada persona serão analisados com o objetivo de descobrir como o enredo do capítulo está construído de forma a realizar a identidade do protagonista em relação à identidade das figuras de poder (Mr. Sparland, Brockway, Sindicato) no contexto da fábrica.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, estão dispostos os dados de análise do *corpus* referentes aos sistemas analisados. Também estarão disponíveis comentários e excertos que estabelecem a ligação interpretativa entre os dados e o escopo da pesquisa. Primeiro, segue a representação da *sintonia*, ou seja, as variáveis situacionais que determinam a relação entre os dois falantes em um contexto de situação de fala entre dois personagens (MARTIN; ROSE, 2008).

Após a representação da *sintonia*, seguem os dados da semântica-discursiva e da gramática que corroboram a *sintonia* e/ou a negociação da identidade. Cada dado da gramática analisado é um *keysystem* a partir de sua relevância, indicada por pesquisas anteriores, em prol da negociação da identidade ou das variáveis de *sintonia* em cada Cena. *Keysystems* seriam as co-seleções que são importantes para a realização de determinado gênero, dada sua instanciação em lugares específicos do texto independentemente de sua frequência no *corpus*. Dessa forma, os dados gramaticais e semântico-discursivos analisados dos sistemas concatenados poderão elucidar, probabilisticamente, qual sua relação com a configuração de *sintonia* da Cena e quais serão os *keysystems* referentes a identidade de cada personagem a partir da soma dos dados de suas personas.

6.1 Cena 1

1 Relação “Mr. Sparland < > Narrador”

Nessa Cena inicial do Capítulo 10, o Narrador recebe uma ordem de seu superior, Sparland, para descer ao subsolo da fábrica e trabalhar subordinado ao encarregado do local chamado Lucius Brockway, que ele encontrará na Cena seguinte.

SP ⁴ : "When you get down there
just tell Brockway
that Mr. Sparland insists
that he have an assistant.
You do whatever
he tells you."
NR: "What is that name again, sir?"
SP: "Lucius Brockway,"
SP: "He's in charge."

Contextualização

a) *sintonia*

De acordo com o enredo, o Narrador é novato na fábrica, o que implica a variável *contato distante*; enquanto *status desigual* seria indicado pela posição de chefia de Sparland na fábrica. Nas relações de poder, a identidade seria construída a partir da interação via papéis sociais, atribuindo aos falantes uma persona instanciada em um determinado contexto de fala (EGGINS; SLADE, 1997). A desigualdade de *status*, por exemplo, ocorreria em situações que envolvem um atendente e um comprador, ou um chefe um subordinado, como ocorre na Cena em questão. De acordo com Eggins e Slade (1997), a variável *status* pode ser relacionada a variações na:

(I) força;

(II) autoridade (onde a cultura atribui diferenças de *status* a papéis sociais diferentes);

(III) expertise;

⁴ SP: Sparland; NR: Narrador

(IV) símbolos de status (riqueza, profissão, educação, status hereditário, local de residência, etc.)

A partir do contexto de situação, fornecido pelo enredo, a representação da *sintonia* que representa a relação entre os dois personagens nessa Cena se deu da seguinte forma:

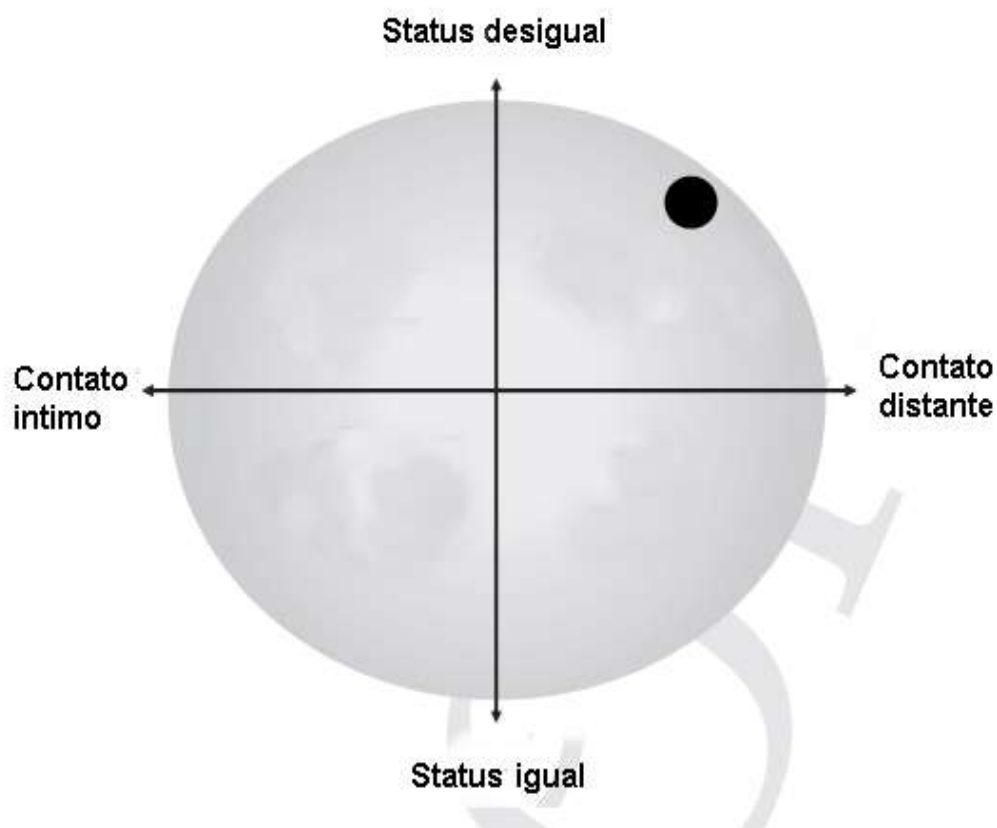


Figura 9: representação topológica da relação de *sintonia* na Cena 1. Fonte: Martin *et al.* (2021).

Essa representação e a das próximas Cenas serão corroboradas por realização linguística, a partir da análise subsequente dos outros sistemas dos estratos (semântica-discursiva e gramática).

b) Persona de Sparland

Associando os dados dos sistemas a negociação da identidade, Sparland mobilizou a seguinte co-seleção em prol de sua persona:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Imperativo [jussivo]	-	[demandar bens e serviços]	1

A co-seleção ocorre no momento em que Sparland diz ao Narrador o que ele deve dizer a Brockway para que ele seja aceito imediatamente como ajudante assim que chegar ao local:

<u>tell Brockway</u> ⁵
that Mr. Sparland insists
that he have an assistant.

Contextualização

Os padrões gramaticais que envolvem a escolhas do MODO são um recurso chave para a realização de diferenças de *status*; escolhas de MODO recíprocas indicariam a igualdade funcional de *status*, enquanto que as não recíprocas indicariam diferença (EGGINS; SLADE, 1997). A relação não-recíproca marcaria a relação entre essas suas personas, na qual associa-se o comando congruente de Sparland realizado pelo Imperativo [jussivo] de ordem à sua posição na empresa. Não é possível afirmar quantitativamente que esses recursos realizam personas de chefe e subordinado, contudo, pesquisas anteriores já demonstraram uma correlação entre o uso de imperativos e uma posição hierárquica superior em um diálogo (cf. EGGINS; SLADE, 1997).

2)

⁵ O recurso utilizado aparece em destaque na primeira oração. O mesmo será feito para os próximos excertos.

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	Modalidade [obrigação]	[demandar bens e serviços]	1

that Mr. Sparland insists

that he have an assistant.

Contextualização

Aqui o *status* de chefia de Sparland é apresentado de maneira alternativa à congruente vista anteriormente, mas possui a mesma função (HALLIDAY e MATTHIESEN; 2014). A metáfora gramatical (interpessoal) é uma forma frequentemente subjetiva e que torna o falante responsável pelo que diz (MARTIN *et al*, 1997). Considerando que o Narrador executará o comando por ele, a persona de Sparland utiliza o sistema de MODO não congruente (modalizado), evidenciando que Brockway está um grau mais próximo de Sparland na escala hierárquica da fábrica. Logo, se houvesse um diálogo entre Brockway e Sparland no capítulo, as categorias da *sintonia* em relação a ele estariam mais niveladas do que em relação ao Narrador.

c) Persona do Narrador

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, o Narrador mobilizou a seguinte co-seleção em prol de sua persona:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Interrogativo [elemental]	Vocativo [hierárquico]	[demandar informação]	1

A co-seleção ocorre na única fala do Narrador no diálogo, ao pedir que Sparland repita o nome de seu superior, utilizando um Vocativo [hierárquico]:

NR: "What is that name again, <u>sir</u> ?"

Contextualização

Do ponto de vista do desenvolvimento do diálogo, tal co-seleção de sistemas refere-se tanto à indicação por parte do falante sobre o interlocutor do próximo turno quanto à interessoalidade que é construída pelos falantes, a diferença de hierarquia seria realizada pelo tipo de vocativo empregado (hierárquico) (EGGINS; SLADE, 1997).

6.2 Cena 2

1 Relação Brockway < > Narrador

Logo de início, o Narrador se apresenta como enviado de Sparland para auxiliá-lo em seu trabalho. Baseado em sua posição hierárquica superior, Brockway passa a lhe dar pequenas ordens, a fim de ensiná-lo sobre o funcionamento das máquinas. Brockway também começa a questioná-lo, buscando saber de onde ele veio; se tem amigos na fábrica, etc. Ele desconfia de que o Narrador possa ser alguém enviado para tomar seu posto:

BR: "Who you looking for down here?"

NR: "I'm looking for the man in charge,"
--

BR: "You talkin' to him.

What you want?"

BR: "All right,

I'm a busy man.

What you want?"

NR: "I'm looking for Lucius,".

BR: "That's me --

and don't come calling me by my first name.

To you and all like you I'm Mister Brockway . . ."
NR: "You . . .?"
BR: "Yeah, me!
Who sent you down here anyway?"
NR: "The personnel office, I was told to tell you
that Mr. Sparland said for you
to be given an assistant."
BR: "Assistant!"
BR: "I don't need no damn assistant!
Old Man Sparland must think
I'm getting old as him.
Here I been running things by myself all these years
and now they keep trying to send me some assistant.
You get on back up there
and tell 'em
that when I want an assistant
I'll ask for one!"
BR: "Hey! wait a minute!"
BR: "Come on back here a minute,"
BR: "Here, you can stay
til I can get in touch with the Old Man.
These here have to be kept clean
so's I can see
how much pressure I'm getting."
BR: "What's your name?" (I told him, shouting it in the roar of
the furnaces)
BR: "Wait a minute,
this here's the first time
they ever sent me anybody like you,"
BR: "That's how come I called you back.
Usually they sends down some young white fellow who thinks
he's going to watch me a few days and ask me a heap of
questions and then take over.
Some folks is too damn simple
to even talk about,
you an engineer?"

Contextualização

Aqui, Brockway assume uma persona cujos propósitos comunicativos estão entrelaçados, a intenção de saber de onde o Narrador veio e a intenção de comandá-lo como seu chefe. É comum que a conversa cotidiana seja composta por mais de uma intenção ou mesmo por outros gêneros intercalados (EGGINS; SLADE, 1997), sendo assim, a conversa acaba por não possuir estrutura própria e uniforme. A variável *status* será desigual, baseado na posição hierárquica de Brockway (superior) e a variável *contato* será distante, visto que os dois acabaram de se conhecer.

a) *sintonia*

A partir dessa contextualização, a representação da *sintonia* dada a partir da relação interpessoal entre os dois personagens nessa Cena se deu da seguinte forma:

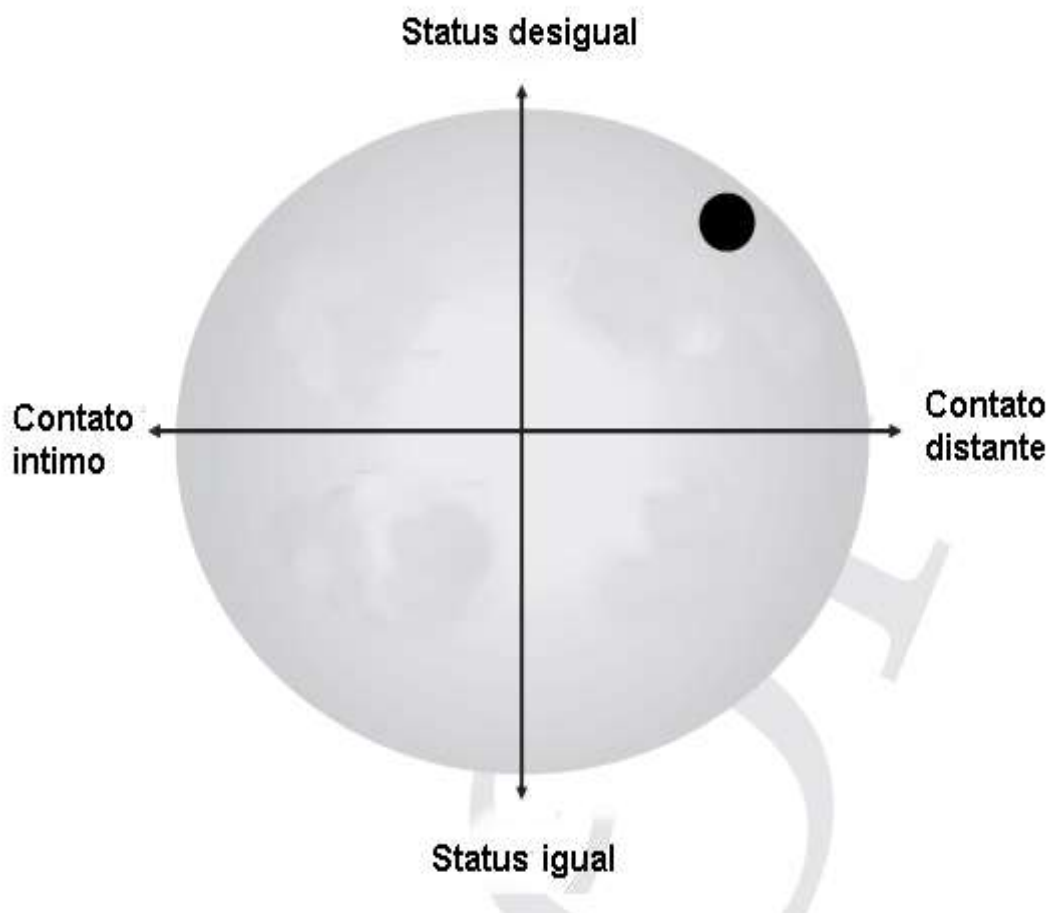


Figura 10: representação topológica da relação de *sintonia* na Cena 2. Fonte: Martin *et al.* (2021).

b) Persona de Brockway

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, Brockway mobilizou as seguintes co-seleções em prol de sua persona:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Imperativo [jussivo]	-	[demandar bens e serviços]	21

Start with this here red one
and work right straight across . . ."
BR: " <u>Let her go,</u> "
BR: ⁶ " <u>Start closing,</u> "

Contextualização

A relação não-recíproca marcaria a relação entre a persona de Brockway e a do Narrador, assim como se deu com Sparland, onde o comando de Brockway é realizado pelo Imperativo [jussivo], associado à sua posição de chefia no setor. A diferença de *status* é relacionada à diferença de posição hierárquica. Considerando este uso, os imperativos posicionam o falante como tendo algum poder sobre o destinatário (*cf.* EGGINS; SLADE, 1997, p. 88).

2)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
------	------------	--------------------	-------

⁶ BR: Brockway

Indicativo [declarativo]	Modalidade [obrigação]	[demandar bens e serviços]	17
-----------------------------	---------------------------	----------------------------	----

Brockway utiliza a co-seleção para dar instruções ao Narrador sobre como ele deve executar suas tarefas a partir dali. A intenção diferencia-se dos Imperativos [jussivos] acima no sentido de que aqueles são usados para corrigi-lo *durante* a execução das tarefas, enquanto estes se referem a sua futura execução.

These here have to be kept clean

BR: "Well, that's going to be one of your jobs.

These here gauges have to be checked every fifteen minutes.

Contextualização

O MODO Imperativo incongruente também reforça sua posição hierárquica em relação ao Narrador, demonstrando a mesma função de comando vista na Cena 1 (EGGINS; SLADE, 1997, p. 88). O Imperativo em sua forma modalizada demanda, na subjetividade do interlocutor, uma avaliação do falante, a partir da Modalidade [obrigação], como comando. O comando é, portanto, dado como contingente, uma vez que o interlocutor precisa reconhecer a função referente do falante ao reconhecer a troca dialógica. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 111).

3)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Interrogativo [polar]	-	[demandar informação]	9

A co-seleção de sistemas é utilizada por Brockway tanto para sanar sua desconfiança, quanto para conferir, simultaneamente, como está sendo executada a tarefa designada:

BR: "You friends to one of those colored fellows?"

Did she go over the mark?"

NR: "No, it's holding steady,"

Contextualização

Por codificarem diretamente um desequilíbrio de informações, Interrogativos [polares] não são comuns em conversas casuais entre amigos próximos ou familiares, onde grande parte das informações que circulam já é compartilhada (EGGINS; SLADE, 1997). O uso de interrogativos polares elípticos por parte de Brockway indica sua intenção de conhecer melhor seu novo ajudante, partindo do princípio que há tal desequilíbrio expressado na variável *contato distante*.

4)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	Modalidade [probabilidade]	[dar informação]	3

A co-seleção de sistemas é utilizada por Brockway para expressar sua incerteza quanto a terceiros mencionados por ele durante seu diálogo com o Narrador:

Old Man Sparland must think

I'm getting old as him.

Without what I do

they couldn't do nothing,

Contextualização

Adjuntos interpessoais como este codificam significados atitudinais, eles funcionam para permitir que o falante expresse uma posição ou avaliação sobre o que está sendo falado (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Tais adjuntos podem ser classificados de acordo com o grau de certeza ou frequência que expressam: alto (deve, certamente, sempre), mediana (pode, provavelmente, geralmente) ou baixa (pode, possivelmente, às vezes) (EGGINS, 2004). Percebe-se que, à medida que o diálogo avançou, Brockway expressa cada vez mais envolvimento atitudinal em seus recursos.

c) Persona do Narrador

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, o Narrador mobilizou as seguintes co-seleções em prol de sua persona:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	Adjunto de comentário	[dar informação]	5

A co-seleção de sistemas é utilizada para responder às perguntas de Brockway:

BR: "You ever done this before?"

NR: "It's been a long time."

NR: "I don't remember,

I was in such a hurry."

Contextualização

A co-seleção de recursos, também utilizada pela persona de Brockway, é utilizada tanto para negociar informações factuais entre locutores, via o MODO da oração, quanto para expressar significados que dizem respeito a julgamentos e opiniões do falante que a emite via o adjunto interpessoal de comentário (EGGINS; SLADE, 1997). O subordinado atuaria empregando mais adjuntos interpessoais a partir do estímulo gerado pelo uso do mesmo sistema pelo seu superior hierárquico, o que implicaria uma alteração na configuração de *sintonia* proposta inicialmente (ver a *sintonia* da Cena 4). Escolhas recíprocas indicariam a igualdade funcional de *status* (Brockway utiliza o recurso e estimula o Narrador a utilizar), enquanto as não recíprocas indicam diferença de *status* (EGGINS; SLADE, 1997).

2)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Interrogativo [polar]	-	[demandar informação]	2

O Narrador as utiliza, em suas poucas falas, toda vez que precisa de reiteração ou explicação sobre perguntas e afirmações de Brockway:

To you and all like you I'm Mister Brockway . . ."
NR: " <u>You . . . ?</u> "
BR: "Yeah, me!"

(are) you an engineer?"
NR: " <u>An engineer?</u> "
BR: "Yeah, that's what I asked you,"

Contextualização

Interrogativos Polares elípticos são normalmente usados para dar continuidade a uma troca quando parte das informações já foi compartilhada em uma oração anterior e pode ser interpretada pelo contexto (EGGINS; 2004). A escolha do recurso pelo Narrador pode ser

interpretada apenas a partir de sua própria busca por informações, no que diz respeito ao que está sendo compartilhado na conversa casual. Interrogativos, de modo geral, evidenciam a dependência do falante quanto a sua incapacidade ou relutância em obter informações (EGGINS; SLADE, 1997, p.122), uma vez que há desequilíbrio de informações relacionado à variável *contato distante*.

2 Narrativa

Ainda durante o diálogo, Brockway negocia sua identidade como alguém que tem alta estima pelo dono da fábrica, ressaltando sua importância para o funcionamento apropriado das máquinas. Para isso, ele utiliza dois gêneros distintos que estão relacionados a essa intenção: **Narrativa** e **Argumentação**. Tais gêneros ocorreram em meio ao diálogo com o Narrador. Eggins e Slade (1997) designaram essa mistura como "*chunk and chat*" – pedaços genéricos reconhecíveis (por exemplo, fofocas e vários gêneros de história), misturados à transições de conversa menos definidas, no meio. O primeiro gênero a ser analisado trata-se de uma Narrativa, contada durante seu diálogo com o Narrador enquanto trabalham. Ele relata sobre o dia em que se aposentou e, logo em seguida, é persuadido pelo seu ex-chefe a retornar para seu posto, já que seu substituto não consegue lidar com os afazeres do setor.

Segundo Martin e Rose (2008), contar histórias é algo comum em todas as culturas, ocorrendo, de alguma forma, em quase todas as situações e estágios imagináveis da vida. Elas são intimamente tecidas nas minúcias da vida cotidiana, contadas sempre que nos reunimos. Elas são observadas em todos os agrupamentos sociais para interpretar o caos e os acontecimentos da vida, para avaliar o comportamento um do outro, e para educar e entreter nossos filhos.

Narrativas dão aos ouvintes a sensação de que estão caminhando para algum ponto final, em direção a uma resolução de algum conflito que ocorreu na experiência de um indivíduo ou indivíduos. Esses textos aumentam em tensão ou **excitação** [ASRJ1], culminando em uma crise seguida de uma resolução dessa crise (EGGINS; SLADE, 1997). Sua estrutura genérica é Orientação ^ Complicação ^ Avaliação ^ Resolução ^ (Coda) (MARTIN e ROSE, 2008). A partir dessa estrutura, seguem as divisões de etapa da Narrativa de Brockway:

Orientação	I cain't stop laughing over the time when I was down with a touch of pneumonia and they put one of them so-called engineers to pooling around down here.
Complicação	Why, they started to having so much paint go bad they didn't know what to do. Paint was bleeding and wrinkling, wouldn't cover or nothing -- you know, a man could make hisself all kinds of money if he found out what makes paint bleed. Anyway, everything was going bad. Then, word got to me that they done put that fellow in my place and when I got well, I wouldn't come back.
Avaliação	Here I been with 'em so long and loyal and everything.
Resolução	Shucks, I just sent 'em word that Lucius Brockway was retiring! Next thing you know here come the Old Man. He so old hisself his chauffeur has to help him up them steep stairs at my place. Come in a-puffing and a-blowing, says, 'Lucius, what's this I hear 'bout you retiring?' (...) that fellow out at the plant don't know a thing about those furnaces. I'm so worried about what he's going to do, that he's liable to blow up the plant or something that I took out some extra insurance. He can't do your job,' he said. (...) a few days later the Old Man had me back down here in full control. That engineer got so mad when he found out he had to take orders from me he quit the next day."
(Coda)	He spat on the floor and laughed. "Heh, heh, heh, he was a fool, that's what. A fool! He wanted to boss me and I know more about this basement than anybody, boilers and everything.

a) Persona de Brockway (Narrativa)

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, Brockway mobilizou as seguintes co-seleções em prol das etapas de sua Narrativa:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	Processo [verbal de projeção] + ENGAJAMENTO ATRIBUIR	[dar informação]	5

A co-seleção de sistemas é utilizada com o objetivo de fornecer ao Narrador as declarações de outros contidas em sua narração de fatos passados, nas orações que projetam as falas de terceiros:

He so old hisself
his chauffeur has to help him up
steep stairs at my place.
Come in
a-puffing and a-blowing,
and a-blowing,
<u>says,</u>
Lucius, what's this I hear 'bout you retiring?'
Well, sir, Mr. Sparland, sir,'
<u>I says,</u>
I been pretty sick,

Contextualização

Esses significados incluem-se na categoria de ENGAJAMENTO, que fornecem ao texto um pano de fundo heteroglóssico de expressões anteriores, pontos de vista alternativos e respostas antecipadas (MARTIN; WHITE, 2005). O sistema de ENGAJAMENTO, por sua vez, sofre agnação para o sistema ATRIBUIR, que desassocia a proposição da voz autoral interna do texto, atribuindo-a a alguma fonte externa, tipicamente alcançado através da gramática da fala ao relatar pensamentos direta e indiretamente.

Ao contar sua Narrativa, Brockway utiliza o recurso ATRIBUIR para deixar seu interlocutor a par de qual dos personagens de sua história está dizendo o quê, visto que ele está reportando diálogos de seu passado. Recursos semânticos avaliativos não têm limite definido quanto a sua extensão (MARTIN; WHITE, 2005), logo, o recurso de ATRIBUIR estende-se por quase todo o gênero de maneira indefinida. A combinação de recursos se mostra como um pré-requisito para o andamento do gênero; sendo realizado, sobretudo, pelo processo verbal que está sublinhado no excerto acima.

2)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	VALIDAÇÃO [partícula de prosódia]	[dar informação]	3

Brockway utiliza também validações durante sua narrativa, deixando explícito o valor emocional empregado referente aos acontecimentos que contextualizam sua história nos intervalos das falas dos personagens.

<u>Why</u> , they started to having so much paint go bad
they didn't know
what to do.

<u>Shucks</u> , I just sent 'em word [that Lucius Brockway was retiring]!
Next thing you know here come the Old Man.

Contextualização

Este recurso interpessoal encontra-se espalhado por toda a unidade do gênero. O recurso foi utilizado para expressar de reação à complicação de sua Narrativa. Também é um recurso

comum no gênero Relato, onde se usa prosódias de avaliação ao longo do gênero para tornar a história algo que valha a pena contar, as avaliações contidas não são realizadas discretamente (EGGINS; SLADE, 1997).

3)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	MOTIVAÇÃO JULGAMENTO + GRADAÇÃO Foco [agudo]	[dar informação]	2

A co-seleção de sistemas é utilizada com o objetivo de avaliar o engenheiro que substituiu Brockway enquanto ele estava doente:

<u>BR: "Heh, heh, heh, he was a fool,</u> that's what.
<u>A fool! He wanted to boss me</u>

Contextualização

Nesta co-seleção, Brockway faz uso do recurso avaliativo de JULGAMENTO, que opera em relação ao comportamento que admiramos, criticamos, elogiamos ou condenamos (MARTIN; WHITE, 2005). Ele realiza a etapa Coda da Narrativa, que termina então com uma conclusão avaliativa. Tal uso ocorre quando um comentário avaliativo é incorporado ao *Coda*. (EGGINS; SLADE, 1997).

3 Argumentação

O segundo gênero a ser analisado trata-se de uma argumentação de Brockway, continuando seu diálogo com o Narrador enquanto trabalham, sobre o dia em que ele formulou o slogan da fábrica e recebeu um bônus salarial pelo feito. Usa-se o termo "argumentação" para textos que defendam um ponto de vista ou discutam dois ou mais pontos de vista. Há dois gêneros principais de argumentos. As exposições defendem um ponto de vista, declarando uma posição, ou tese, apoiando-a com uma série de Argumentos, e concluindo com uma reafirmação da tese (MARTIN; ROSE, 2008) - Tese ^ Argumentos ^ Reafirmação:

<p>Tese</p>	<p>(Them personnel fellows don't want to face the facts, but Liberty Paints wouldn't be worth a plugged nickel if they didn't have me here to see that it got a good strong base. Old Man Sparland know it though...)</p>
<p>Argumento</p>	<p>"You notice that sign on top of the building?"</p> <p>"Oh, you can't miss that," I said.</p> <p>"You read the slogan?"</p> <p>"I don't remember, I was in such a hurry."</p> <p>"Well, you might not believe it, but I helped the Old Man make up that slogan. 'If It's Optic White, It's the Right White,' " he quoted with an upraised finger, like a preacher quoting holy writ. "I got me a three-hundred-dollar bonus for helping to think that up. These newfangled advertising folks is been tryin' to work up something about the other colors, talking about rainbows or something, but hell, they caint get nowhere."" 'If It's Optic White, It's the Right White,'" I repeated and suddenly had to repress a laugh as a childhood jingle rang through my mind:</p> <p>" 'If you're white, you're right,' " I said.</p>

Reafirmação	"That's it," he said. "And that's another reason why the Old Man ain't goin' to let nobody come down here messing with me. He knows what a lot of them new fellers don't; he knows that the reason our paint is so good is because of the way Lucius Brockway puts the pressure on them oils and resins before they even leaves the tanks."
--------------------	---

Embora o gênero Argumentação seja constituído por uma sequência de etapas característica (Tese ^ Argumentos ^ Reafirmação), alguns fatores, como a instanciação relativamente variável dos gêneros, acabam por alterar sua estrutura básica em um aspecto ou outro, mas sem comprometer seu propósito social (*cf.* MARTIN; ROSE, 2008).

No caso da estrutura dessa instanciação do gênero, sua etapa Tese e sua etapa Argumentos, estão intercalados com a Narrativa de Brockway. Cabe ressaltar que a Narrativa vista anteriormente, que é um gênero (em *chunk*) por si, foi analisada individualmente e não como uma etapa da Argumentação de Brockway, a fim de facilitar o trabalho de análise.

a) Persona de Brockway (Argumentação)

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, Brockway mobilizou as seguintes co-seleções em prol de sua Argumentação:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Oração dependente	APRECIACÃO + GRADAÇÃO Força [alta]	-	2

A co-seleção é utilizada para reagir a algo da realidade. No caso de Brockway, ele aprecia positivamente a própria fábrica em algumas ocasiões. Contextualização:

Our white is so white
you can paint a chunka coal
and you'd have
<u>to crack it open with a sledge hammer</u>
<u>to prove</u>
it wasn't white clear through!"

O que caracteriza a Força [alta] da GRADAÇÃO, que está atrelado à APRECIÇÃO, é sua realização de forma figurativa, sublinhada no excerto acima. Significados figurativos (metáfora e símile) também são ocasionalmente empregados na intensificação dos processos avaliativos (MARTIN; WHITE, 2005). Segundo Martin e White (2005, p. 62), a seleção de significados ideacionais é suficiente para invocar a avaliação, mesmo na ausência de itens lexicais atitudinais que nos diga concretamente como estamos nos sentindo.

2)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Interrogativo [polar]	-	[demandar Informação]	2

A co-seleção foi utilizada como uma introdução engajante de sua Narrativa:

BR: " <u>You notice that sign on top of the building?</u> "
NR: "Oh, you can't miss that,"
BR: " <u>You read the slogan?</u> "
NR: "I don't remember, I was in such a hurry."
BR: "Well, you might not believe it, but I helped the Old Man make up that slogan."

Contextualização

Brockway faz uso do Interrogativo não somente a fim de buscar informação circunstancial, nesse caso, mas para realizar a etapa Argumento do gênero. O recurso tem um propósito ligado

à divisão do gênero, visto que essas perguntas serviram de dispositivo retórico para introduzir a etapa.

3)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	APRECIÇÃO + GRADAÇÃO Força [baixa]	[dar informação]	2

Brockway utiliza o recurso para atribuir valor positivo à fábrica em certa ocasião de sua história:

BR: "You know the best selling paint we got, the one [that made this here business?]"
BR: "Our white, Optic White."

We make the best white paint in the world,

Contextualização

Brockway realiza a APRECIÇÃO da fábrica e suas tintas através de epítetos. O Epíteto indica alguma qualidade contida em um grupo nominal, por exemplo, "*Optic White*" ou "*the best selling paint we got*". A qualidade do subconjunto pode ser uma expressão da motivação subjetiva do falante em relação a ele. Referimo-nos a estes como epítetos interpessoais ou atitudinais (HALLIDAY e MATTHESEN, 2014). Sendo assim, os epítetos realizam a avaliação positiva de Brockway da qualidade da tinta.

Ambos os gêneros, apesar de distintos, remetem a intenção de Brockway de argumentar em favor próprio, sobre sua relevância na fábrica através de episódios do seu passado, logo, deixando explícito um constituinte de sua identidade. Mas o uso desse recurso parece nos dizer mais sobre a relação que é construída entre ele e o Narrador:

Contar histórias é algo muito comum em conversas casuais. Ela fornece aos interlocutores um recurso para avaliar e confirmar afiliações com outras pessoas. As

histórias emergem da experiência social, e são compartilhadas em contextos sociais. A maneira como os interlocutores contam suas histórias expressa dimensões de sua identidade social, tais como gênero, classe e etnia. (EGGINS; SLADE, 1997, tradução nossa)

Na próxima seção será apresentada o sistema semântico-discursivo de *afiliação* e suas categorias. Trata-se de um recurso utilizado em prol, evidentemente, da *afiliação* entre interlocutores, bem como o recurso de contar histórias.

4 Vínculos afiliativos da Cena 2

De modo a classificar as identidades e a maneira como elas negociam, utilizaremos os conceitos que envolvem a hierarquia de *afiliação* (Figura 5) para investigar como as personas da Cena 2 afiliam-se a comunidades discursivas, ideologias e à cultura, de modo geral. Nesta seção, será demonstrado como a identidade, em seus aspectos culturais e compartilhados, pode ser negociada no texto através de um processo social de compartilhamento de valores. Percebem-se trechos do diálogo onde ocorrem Vínculos - estes seriam os em que significados ideacionais imbuídos de valor interpessoal negociados a fim de que um interlocutor partilhe ou não desses valores, já que tais valores diferem dependendo de que comunidades discursivas os participantes podem estar afiliados ou poderiam se afiliar. Em outras palavras, suas identidades podem impactar nas afiliações que eles negociam no diálogo (KNIGHT, 2010).

a) Vínculo 1

No trecho abaixo, a fala de Brockway demonstra o orgulho que ele sente em relação a seu conhecimento sobre o setor, mesmo sem ter recebido instrução acadêmica. Em resposta, o Narrador reage positivamente à Atrelagem criando, assim, um Vínculo:

I knows the location of each and every pipe and switch and cable and wire and everything else -- both in the floors and in the walls and out in the yard.

Yes, sir!

And what's more,
I got it in my head so good
I can trace it out on paper down to the last nut and bolt;
and ain't never been to nobody's engineering school neither,
ain't even passed by one,
as far as I know.
Now what you think about that?"
NR: " <u>I think it's remarkable.</u> "

Contextualização

Neste excerto, Brockway avalia positivamente sua expertise empírica no trabalho e pergunta ao Narrador qual a opinião dele em relação a isso, ou seja, ele realiza a Atrelagem ao qual o Narrador poderia se vincular, numa tentativa de estreitar a *sintonia* entre eles. O Narrador reage a essa Atrelagem avaliando positivamente o conteúdo ideacional declarado. Assim, cria-se o Vínculo positivo compartilhado em relação a “empregado experto não-alfabetizado” ligado à comunidade discursiva dos “Trabalhadores”, posicionados sob ideologia de *Classe*. Martin e White (2005) definem as variáveis de ideologia como Geração, Gênero, Etnia, Capacidade e Classe. Eles negociaram Vínculos através do processo discursivo Avaliação + Atrelagem à Ideação. A relação foi representada na Figura 11.

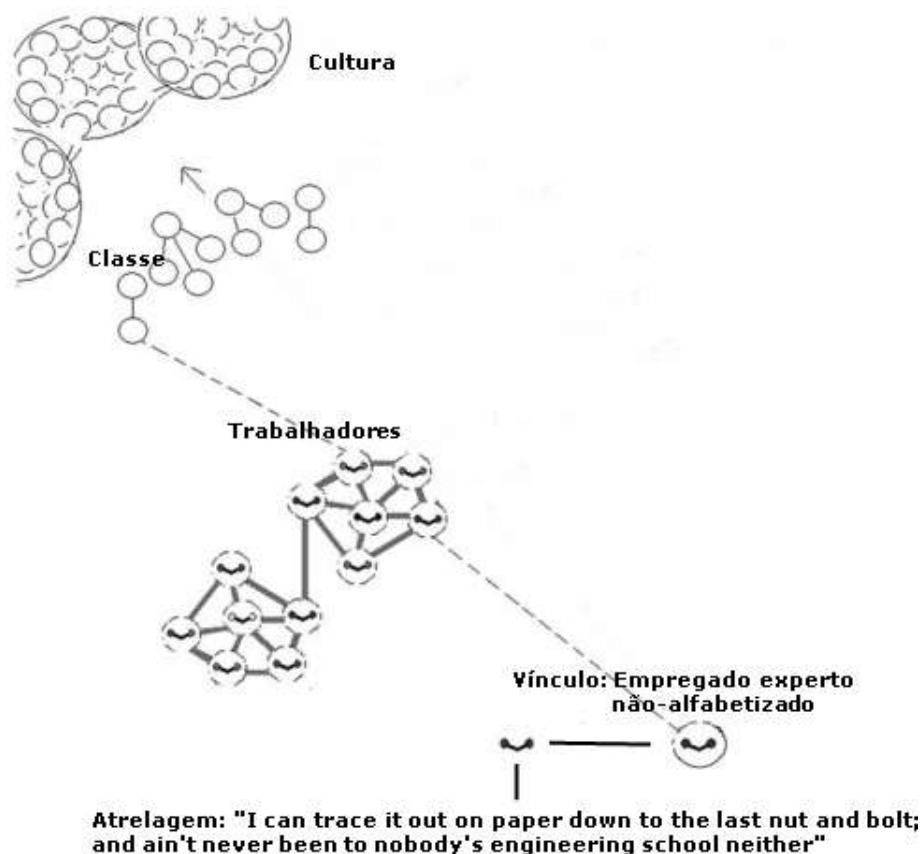


Figura 11: cline representando a *afiliação* em questão. Fonte: Knight (2010).

É através desses Vínculos que interlocutores negociam suas identidades em termos de suas habilidades para instanciar significados linguísticos apropriados em função de determinada comunidade discursiva, combinando valores e experiências relevantes às redes sociais às quais pertencem (KNIGHT, 2010).

6.3 Cena 3

1 Relação Sindicato < > Narrador

Na pausa para lanche, o Narrador dirige-se para o vestiário onde seu lanche está. Chegando lá, ele se depara com um grupo de funcionários da empresa reunidos. Estes, porém, se organizaram como um Sindicato e, ao contrário de Brockway, se posicionam contra os donos da fábrica. Ao

se apresentar como ajudante de Brockway, o Narrador é imediatamente visto como inimigo pelos membros do grupo, um “dedo duro” que está do lado dos donos, e alguns membros pedem sua expulsão do local. A partir daí, o Narrador observa passivo a um julgamento imposto por eles; seus membros começam a discutir se devem ou não o expulsar do local e excluí-lo do grupo permanentemente.

SD ⁷ : "There's plenty of seats for late comers. Come in brother . . ."
NR: "I was looking for the locker room,"
SD: "You're in it, brother. Weren't you told about the meeting?"
NR: "Meeting?"
Why, no, sir, I wasn't."
SD: "You see, the bosses are not co-operating,"
SD: "Brother, who's your foreman?"
NR: "Mr. Brockway, sir,"
SD: "Quiet, brothers,"
SD: "Now what was that, brother; who is your foreman?"
NR: "Lucius Brockway, sir,"
SD: "Get him the hell out of here,"
SD: "Throw him out! Throw him out!"
SD: "Men, brothers! Give the brother a chance . . ."
SD: "He looks like a dirty fink to me. A first-class enameled fink!"
SD: "Brothers, please!"

Contextualização

a) *sintonia*

Os membros do Sindicato estão acima na hierarquia não por designação dos donos da fábrica, mas por formarem um grupo social unido e consolidado de trabalhadores dentro daquele contexto (mais detalhes na seção de Vínculos Afiliativos), por isso, o *status* será *desigual*. O

⁷ SD: Sindicato

contato é distante visto que eles acabaram de se conhecer. Eles dão início ao ‘juízo’ do Narrador e ele se mantém submisso durante toda a Cena, diante disso, irei representá-los, na *sintonia*, como uma unidade de persona em relação à do Narrador:

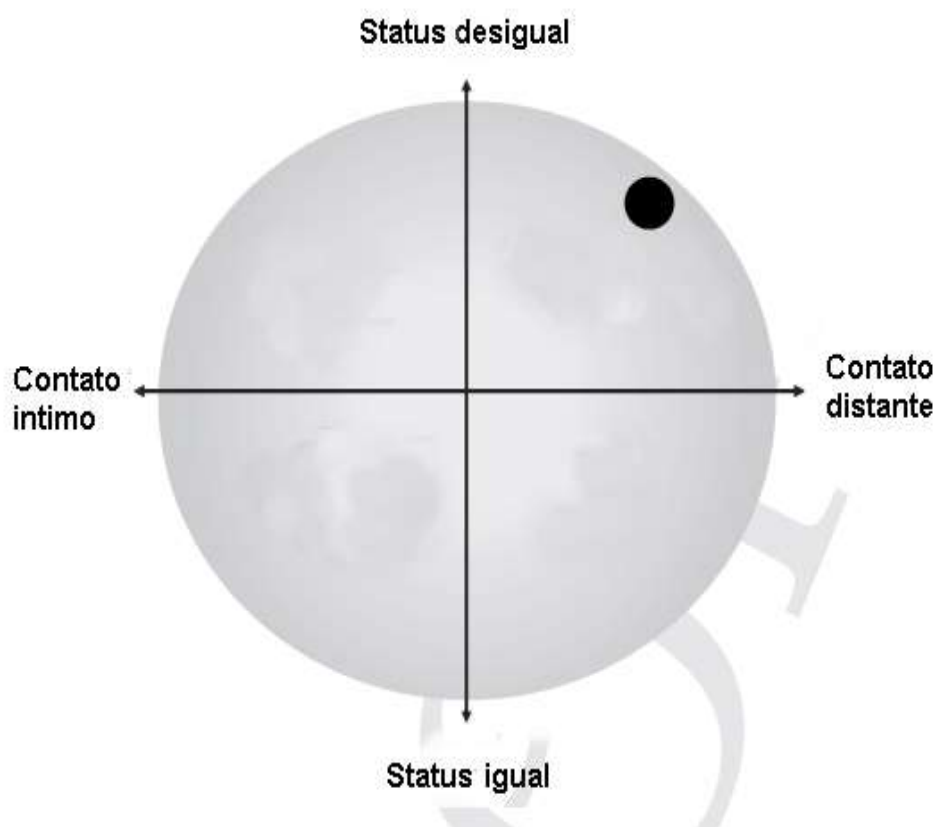


Figura 12: representação topológica da relação de *sintonia* na Cena 3. Fonte: Martin *et al.* (2021).

b) Persona do Sindicato

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, o Sindicato mobilizou as seguintes co-seleções em prol de sua persona:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
------	------------	--------------------	-------

Interrogativo [elemental]	VOCATIVO [bonding]	[demandar informação]	4
------------------------------	--------------------	-----------------------	---

Da mesma forma que Brockway, os membros do Sindicato buscam, inicialmente, saber informações sobre o Narrador, especialmente quanto às suas relações dentro da fábrica:

SD: "Brother, who's your foreman?"
NR: "Mr. Brockway, sir,"

SD: "How'd you happen in here, brother?"
NR: "I left my lunch in my locker,"

Contextualização

Eles continuam a lhe fazer perguntas durante todo o diálogo utilizando o vocativo "brother", usado para se referirem uns aos outros. O uso desse tipo de Vocativo tem finalidade de estimular a coesão social no grupo, assim como em Arelagens (abordadas na seção de Vínculos afiliativos):

(...) além disso, é provável que sejam encontradas mais pistas textuais para este processo social junto com as atrelagens (incluindo o papel potencial de outros recursos de avaliação, pronomes que pressupõem oposição "nós" e "eles", assim como o uso de vocativos) (KNIGHT, 2010, tradução nossa).

A relação entre o falante e o destinatário do Vocativo nos diz quem está buscando exercer controle sobre a tomada de turnos, e com quem eles estão buscando indicar uma relação particular em preferência com os outros interlocutores (EGGINS; SLADE, 1997). Esse Vocativo indica a intenção de construir maior familiaridade com o interlocutor, ao mesmo tempo que procura exercer controle sobre quem será o próximo falante, indicando ao Narrador a sua vez de falar no turno seguinte, ao utilizar o MODO Interrogativo.

2)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Imperativo [jussivo]	Vocativo [bonding]	[demandar bens e serviços]	2

Eles utilizam a co-seleção para realizar um comando ao Narrador que, coagido pelo tamanho e pela união do grupo, atende às ordens sem se dar conta do que está em jogo ali. Assim como no MODO Interrogativo, eles utilizam seu Vocativo padrão para se referirem ao Narrador:

SD: "There's plenty of seats for late comers. <u>Come in brother . . .</u> "

SD: "(wait) <u>Just a minute, brother,</u> we want you to understand that this is nothing against you personally. What you see here is the results of certain conditions here at the plant.
--

Contextualização

A análise dos imperativos utilizados por Sparland também é aplicável a esse contexto na medida que os padrões gramaticais que envolvem as escolhas do MODO são um recurso chave para a realização de diferenças de *status*, logo, o uso do Imperativo confirma a desigualdade na *sintonia* (EGGINS; SLADE, 1997).

3)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	Modalidade [obrigação]	[demandar bens e serviços]	2

O recurso é utilizado, sobretudo, pelo líder do grupo quando este dialoga com o Narrador, dando-lhe ordens de forma modalizada:

SD: " <u>You can get your lunch now.</u>
Let him through, you brothers around the door!"

<u>We want you to know</u>
that we are only trying
to protect ourselves.
Some day we hope
to have you as a member in good standing."

Contextualização

O recurso, utilizado também por Sparland e Brockway, reforça sua posição hierárquica superior do Sindicato em relação ao Narrador. Tal co-seleção posiciona o falante acima do interlocutor em termos de *status*, mesmo havendo um contraste entre o Imperativo completo e sua forma modalizada, que concede menos autoridade ao falante, admitindo possibilidades alternativas. (EGGINS; SLADE, 1997).

O comando, dado como contingente (MARTIN; WHITE, 2005), é utilizado pelo líder do grupo ao intermediar as decisões do Sindicato diretamente com o Narrador. Ele fala pelo grupo conferindo uma persona conciliadora, porém de comando, em relação ao Narrador. O motivo para isso pode ser interpretado a partir da intenção que o líder do Sindicato demonstra de aceitar o Narrador em um futuro próximo, como pode ser visto no excerto de contextualização.

c) Persona do Narrador

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, o Narrador mobilizou as seguintes co-seleções em prol de sua persona:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Indicativo [declarativo]	Vocativo [hierárquico]	[dar informação]	2

O Narrador fornece informações aos membros do Sindicato à medida que eles fazem perguntas durante o julgamento do Narrador. Nesses trechos, ele faz uso do Vocativo "sir" para demonstrar respeito pelo grupo, principalmente após enfrentar as acusações e as ameaças de alguns membros:

SD: "Brother, who's your foreman?"
NR: "Mr. Brockway, sir,"

SD: "Now what was that, brother; who is your foreman?"
NR: "Lucius Brockway, sir,"

Contextualização

O uso do [declarativo] é responsivo à demanda por informação circunstancial por parte do Sindicato. O MODO declarativo é usado co-selecionando um Vocativo [hierárquico]. Do ponto de vista do desenvolvimento, isso refere-se tanto à indicação por parte do falante sobre o interlocutor do próximo turno quanto a interpessoalidade que é construída por falantes (EGGINS; SLADE, 1997). Em sua réplica, o Narrador se dirige ao membro do Sindicato pelo Vocativo 'sir' enquanto os membros do sindicato se dirigem pelo Vocativo 'brother'. Isso é uma prática que mantém o Narrador distante socialmente dos outros se levamos em conta que o Vocativo "brother" contribui para o processo afiliativo do Sindicato, como foi dito antes.

2)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Oração menor		-	2

O recurso é utilizado pelo Narrador ao final da Cena, onde ele deixa o local após receber o aval do grupo, depois da votação:

SD: "You can get your lunch now. Let him through, you brothers around the door!"
NR: " <u>Pardon me,</u> <u>pardon me,</u> "

Contextualização

Orações menores podem ser realizadas por uma oração principal; por exemplo, exclamações por um tipo particular de declarativo, ou saudações - por um interrogativo ou imperativo. Neste contexto, elas são nada mais que pedidos de desculpas do Narrador, mantendo-se resignado e conformado em seu papel.

3 Vínculos afiliativos da Cena 3

a) Vínculo 1

No trecho abaixo, o Sindicato pergunta ao Narrador qual é o seu chefe, que lhes informa ser Brockway. Em resposta, o Sindicato reage negativamente à Atrelagem criando, assim, um Vínculo-ícone que realiza a *afiliação* entre os membros do Sindicato:

SD: "Brother, who's your foreman?"
NR: "Mr. Brockway, sir,"
SD: "Quiet, brothers,"
SD: "Now what was that, brother; who is your foreman?"
NR: "Lucius Brockway, sir,"
(reação ⁸) Suddenly the men began scraping their feet and cursing
SD: "Get him the hell out of here,"

⁸ As reações descritas pela voz narrativa, não abordadas até esse momento, foram adicionadas aos excertos de análise, visto que tais reações realizam Vínculos afiliativos.

SD: "Throw him out!"

Contextualização

Ao não se vincular a Brockway, o Narrador não apenas distancia-se em *sintonia* dos membros do Sindicato como realiza a *afiliação* que há entre eles a partir do Vínculo-ícone Brockway. Esse Vínculo-ícone compartilhado os reúne sob a Comunidade discursiva "Sindicato", posicionados sob ideologia de Classe, que se baseia na distribuição de recursos materiais na sociedade e é, sem dúvida, a dimensão mais fundamental, uma vez que é a divisão da qual nossa ordem econômica pós-colonial depende, em última análise (MARTIN; WHITE, 2005, p. 29). Eles negociaram uma *afiliação* de condenação através do processo discursivo Avaliação + Acomplamento a um Vínculo-ícone. As relações foram representadas na Figura abaixo.

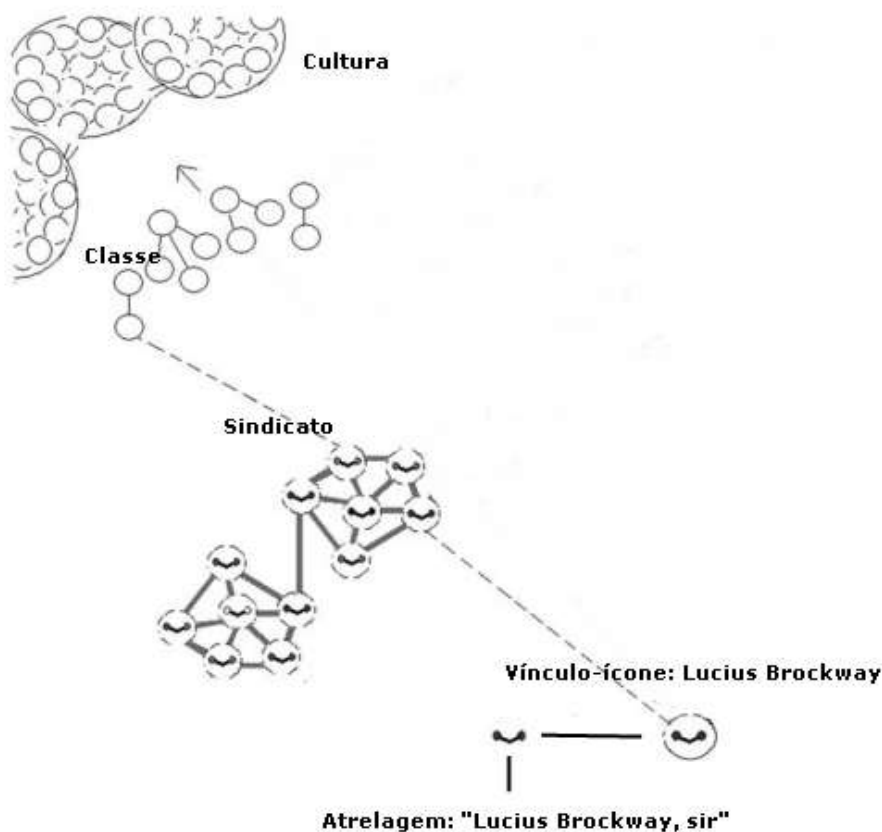


Figura 13: cline representando a *afiliação* em questão. Fonte: Knight (2010).

Vínculos-ícone (ZAPPAVIGNA e MARTIN, 2018) são como símbolos de pertencimento em torno dos quais as pessoas se vinculam, instanciando uma comunidade através da ligação de uma motivação atitudinal a um símbolo ideacional. Vínculos convencionais também têm essa função, mas podem ser considerados como símbolos menos poderosos e altamente negociáveis de Comunidades discursivas (KNIGHT, 2010).

Especificamente, o processo de *afiliação* ocorrido aqui é chamado de *afiliação* de condenação (KNIGHT, 2010). A tensão gerada por um Vínculo violador leva os interagentes a, primeiro, rejeitar o Vínculo em prol do compartilhamento de outro para continuar o processo de *afiliação*. Uma vez que o façam, eles podem identificar-se como membros da Comunidade discursiva.

b) Vínculo 2

No trecho abaixo, a fala de um dos membros do Sindicato demonstra um julgamento negativo em razão de sua subordinação aos chefes da fábrica, os quais ele denomina “sonsabitch bosses:

SD: "See, brothers,
he's a new man.
We don't want
to make the mistake [of judging the worker by his foreman].
[of judging the worker by his foreman]
<u>Some of you also work for sonsabitches,</u>
<u>remember?"</u>
(reação) Suddenly the men began to laugh and curse.
SD: "Here's one right here,
mine wants to marry the boss's daughter -- a frigging eight-day wonder!"

Contextualização

Em resposta à Atrelagem sublinhada acima, os membros presentes reagem com risadas e também com xingamentos criando, assim, o Vínculo-ícone “Sonsabitch bosses” que realiza a *afiliação* entre os membros do Sindicato. Assim, cria-se o Vínculo-ícone compartilhado que se liga à comunidade discursiva Sindicato, posicionados sob ideologia de Classe. Os membros do

Sindicato negociaram o Vínculo que realiza a *afiliação* através do processo discursivo Avaliação + Atrrelagem à Ideação. As relações foram representadas na Figura:

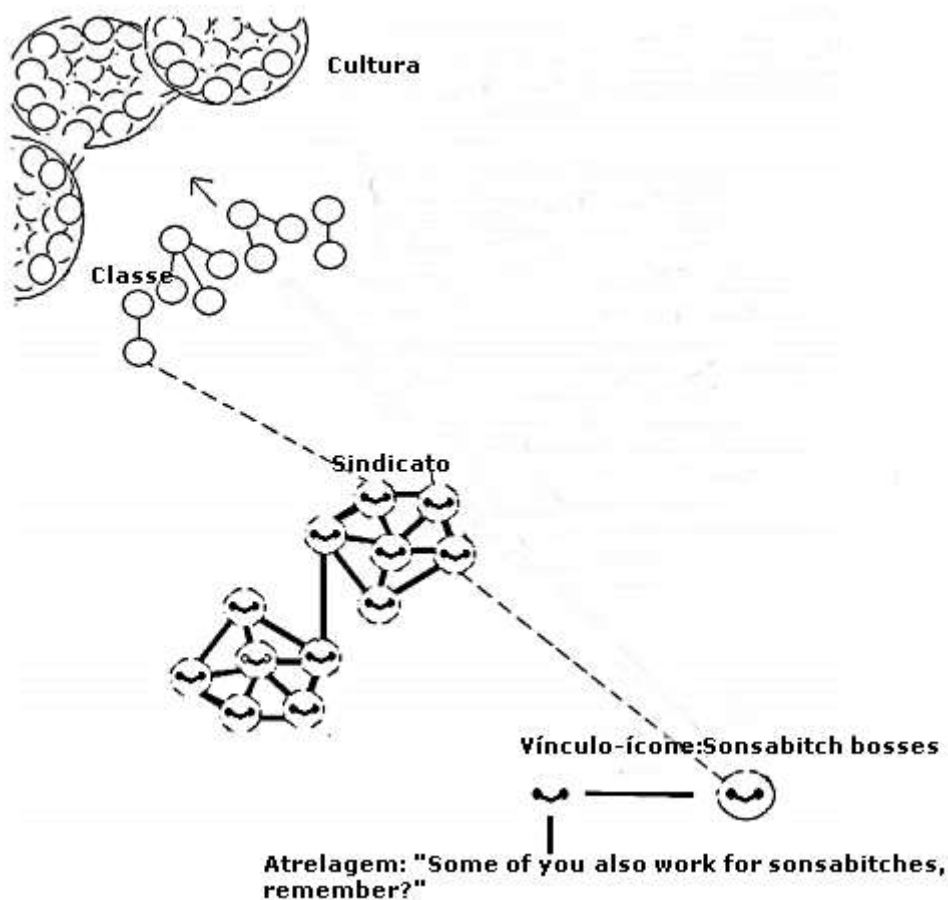


Figura 14: cline representando a *afiliação* em questão. Fonte: Knight (2010).

O tipo de *afiliação* aqui realizado seria tanto a do tipo ‘condenação’, devido à reação "...curse" do grupo; e seria também uma *afiliação* por risadas, vide a reação "...began to laugh" no excerto. De modo geral, o humor sarcástico é considerado um recurso semântico de significância para a coesão de grupos sociais.

Consideramos o humor como um recurso semântico relacionado à avaliação e ao envolvimento. Dispositivos humorísticos como contar piadas ou histórias engraçadas e usar a hipérboles permitem aos interlocutores negociar atitudes e afiliações, e fornece um recurso para indicar graus de exclusão e inclusão de um grupo. (EGGINS; SLADE, 1997, p. 155, tradução nossa).

A reação indica que houve alguma tensão que sendo liberada pelo grupo através das risadas, evidenciando uma Atrelagem que pode ou não ser vinculada pelos interlocutores presentes (KNIGHT, 2010). O Narrador, por exemplo, não se vinculou à Atrelagem, visto que ele sequer reconheceu a Atrelagem apresentada e não esboçou nenhuma reação em resposta. Já o restante do grupo sinalizou seu reconhecimento da Atrelagem com risadas, em razão de seus Vínculos comunitários.

c) Vínculo 3

No trecho abaixo, um membro do Sindicato que argumenta contra o Narrador relaciona seu desconhecimento sobre sindicatos à índole habitual de um dedo-duro. Em resposta, os outros membros do Sindicato reagem positivamente à Atrelagem criando, assim, um Vínculo-ícone relativo à figura do “dedo-duro” (*fink*):

A fink don't even have
to have heard of a union before,
all you have to do is bring him around the neighborhood of a union
and next thing you know, why, zip!
he's finking his finking ass off!"
(reação) He was drowned out by shouts of approval

Contextualização

Neste excerto, o membro do Sindicato avalia negativamente a característica natural descrita do dedo-duro, ou seja, daquele funcionário que está do lado dos chefes. O membro do Sindicato realiza a Atrelagem e seus companheiros reagem positivamente, vinculando-se ao ícone ideacional. Assim, mais uma vez, cria-se o Vínculo-ícone compartilhado que se liga à comunidade discursiva Sindicato, posicionados sob ideologia de Classe. Os membros do Sindicato negociaram o Vínculo que realiza a *afiliação* através do processo discursivo ‘avaliação + Atrelagem ao ícone ideacional’ (ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018). As relações foram representadas na Figura 15:

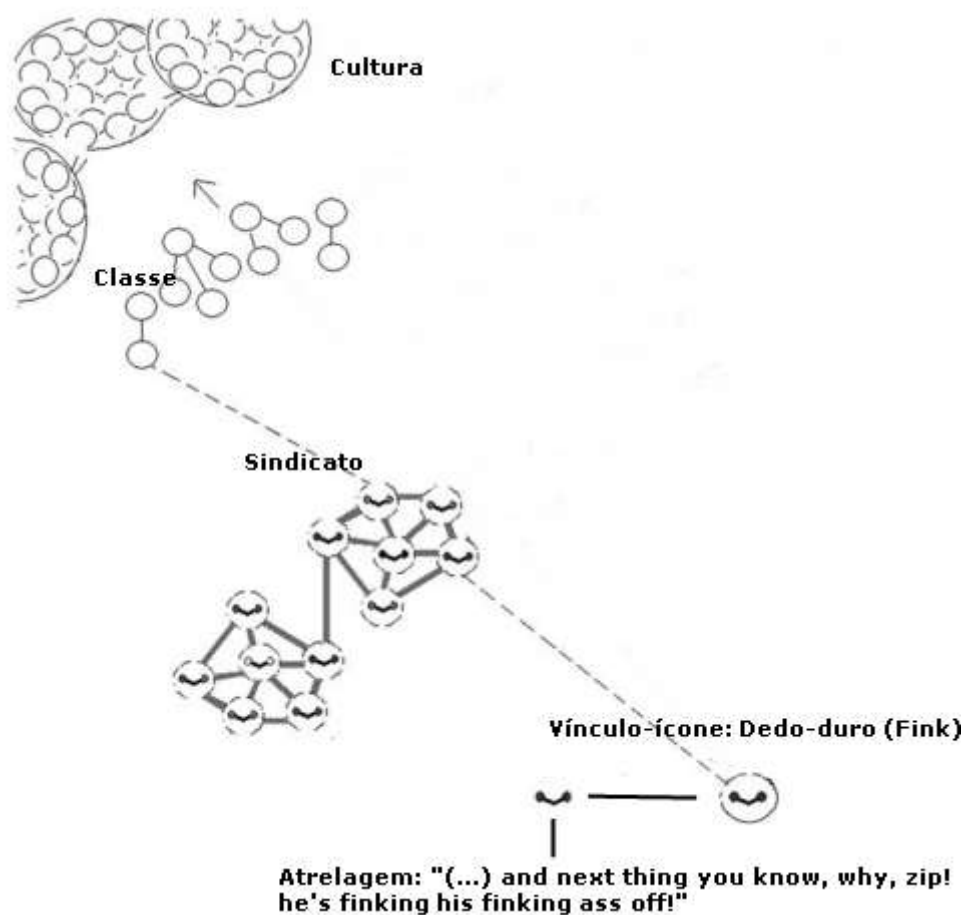


Figura 15: cline representando a *afiliação* em questão. Fonte: Knight (2010).

Complementando a discussão teórica sobre Vínculos-ícone a partir de Knight (2010), estes são poderosos símbolos evocativos de pertencimento social que têm um forte potencial de agrupamento de personas em resposta à sua função da solidariedade, como mostra a reação do grupo ao item lexical *fink*.

Ao final da Cena, eles decidem que o Narrador pode sair do local em paz e o líder do Sindicato demonstra aceitar o Narrador em um futuro próximo, como pode ser visto no excerto abaixo. Em seguida, o Narrador retorna para onde está Brockway:

SD: "The ayes carried it,"
SD: "Come in, brother,"
SD: "You can get your lunch now.
Let him through, you brothers around the door!"

SD: We want you to know
that we are only trying
to protect ourselves.
Some day we hope
to have you as a member in good standing."

Contextualização

6.4 Cena 4

1 Relação Brockway < > Narrador (discussão)

Nessa Cena final do Capítulo 10, o Narrador retorna para junto de Brockway, em seu local de trabalho, onde é imediatamente questionado por sua demora para lanchar. Então, o Narrador revela para ele que estava com membros do Sindicato e Brockway reage furioso, deixando o Narrador confuso sobre a situação:

BR: "What kept you so long?"
BR: "I said,
what kept you so long!"
NR: "I say . . .
I ran into a union meeting --"
BR: "Union!"
BR: "I knowed
you belonged to that bunch of troublemaking foreigners!
I knowed it!
Git out!"
BR: "Git out of my basement!"
NR: "But what's the matter?"
NR: "What's wrong?"
BR: "You heard me.
Git out!"

Contextualização

O que se segue depois é um confronto físico que termina na explosão de uma das máquinas, que explodiu devido ao lapso de atenção dos dois enquanto estavam brigando. A explosão o arremessa, deixando o Narrador desacordado. Ele acorda no hospital, já no capítulo seguinte. Não se sabe o que houve com Brockway.

a) *sintonia*

A *sintonia* entre Brockway e o Narrador foi alterada em comparação com a Cena 2, considerando o *status* igualado de suas personas no momento da briga e os recursos que Brockway utilizou na Cena 2 que indicaram sua intenção de se aproximar do Narrador. O *contato* ainda é *distante*, por ser o primeiro dia trabalhando juntos:

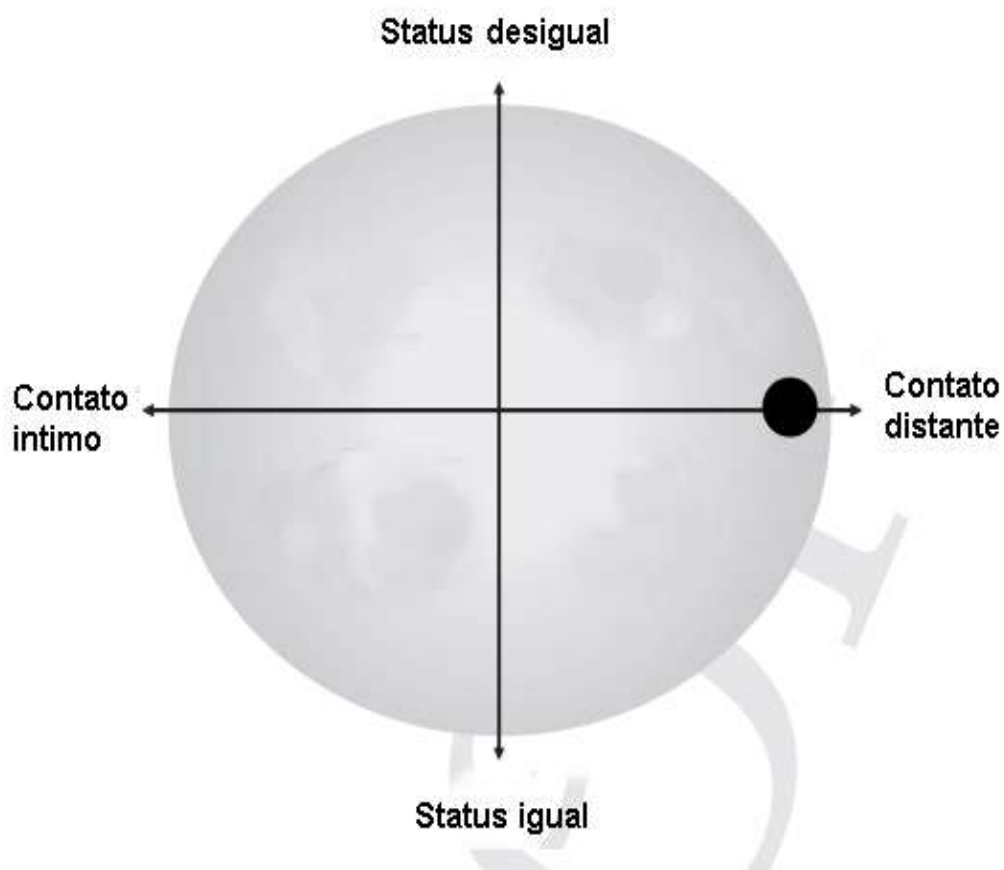


Figura 16: representação topológica da relação de *sintonia* na Cena 4. Fonte: Martin *et al.* (2021).

b) Persona de Brockway

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, Brockway mobilizou as seguintes co-seleções em prol de sua persona:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Imperativo [jussivo]	MOTIVAÇÃO AFETO + GRADAÇÃO Foco [agudo]	[demandar bens e serviços]	5

Brockway tenta expulsar o Narrador por desconfiar de sua ligação com o Sindicato.

<u>Git out!"</u>
NR: "But I don't understand . . ."
<u>BR: "Shut up</u>
<u>and git!"</u>

Contextualização

A relação não-recíproca marcaria também a relação entre a persona de Brockway e a do Narrador também na Cena 2. A co-seleção com o AFETO indica compromisso emocional com sentimentos positivos ou negativos (nesse caso, negativos); essa categoria geralmente está relacionada a um ‘gatilho emocional’, que provoca a reação afetiva inscrita em itens lexicais ou evocada pelo comportamento (*cf.* MARTIN; WHITE, 2005).

2)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
-------------	-------------------	---------------------------	--------------

Indicativo [declarativo]	Modalização [inclinação] + MOTIVAÇÃO AFETO + GRADAÇÃO Foco [agudo]	[dar informação]	2
-----------------------------	--	------------------	---

Brockway, alterado com o fato de o Narrador ainda não ter deixado o local, o ameaça:

BR: "If you don't git outta here, you low-down skunk,"
BR: "I'm liable to kill you.
The Lord being my witness,
I'LL KILL YOU!"

Contextualização

Modalização [inclinação] é uma forma de alterar a natureza categórica das informações que trocamos, a franqueza com que buscamos agir uns sobre os outros. Uma oração também pode ser modalizada de acordo com o grau de inclinação ou disposição atribuída ao Sujeito (EGGINS; SLADE, 1997). Os exemplos acima demonstram inclinação positiva para uma ação, cuja convicção pode ser medida como baixa, média ou de alta modulação. Em relação à MOTIVAÇÃO AFETO + GRADAÇÃO Foco [agudo], nunca esteve muito claro, para gramáticos, como embasar uma classificação orientada a *lexis* desse tipo (ligada às emoções do falante); nem é possível encontrar estratégias relevantes de argumentação no campo da lexicografia ou da linguística de corpus (*cf.* MARTIN; WHITE, 2005, p. 46). Podemos apenas inferir a carga emocional evocada que é empregada a partir do item “KILL”, somado ao uso à [inclinação]. De qualquer modo, a co-seleção é de suma importância (*keyness*) para o desfecho do enredo, não apenas da Cena, mas de todo o Capítulo 10.

c) Persona do Narrador

Associando os dados dos sistemas à negociação da identidade, o Narrador mobilizou as seguintes co-seleções em prol de sua persona:

1)

MODO	co-seleção	FUNÇÃO DO DISCURSO	Total
Interrogativo [elemental]	-	[demandar informação]	2

O Narrador o questiona sobre o motivo de suas acusações. Aparentemente, o Narrador não se dá conta do que está em jogo em relação aos julgamentos de Brockway:

BR: "Git out of my basement!"

NR: "But what's the matter?"

NR: "What's wrong?"

Contextualização

Assim como na Cena 1 e na Cena 2, o Narrador faz uso do Interrogativo Elemental em busca de informação circunstancial. A escolha do recurso pode ser interpretada, também nestes trechos, a partir da inexperiência do Narrador em relação aos campos de expertise que fazem parte do contexto da fábrica, entre eles a relação interpessoal existente entre os funcionários. Isso impacta qual escolha de recursos ele deveria ter selecionado mas não selecionou, a fim de ser bem sucedido, em *sintonia*, com as figuras de poder.

7 RESULTADOS

A negociação da identidade se deu, fundamentalmente, nos sistemas correspondentes ao estrato semântico-discursivo da Língua, a exemplo da maior quantidade de recursos ligados aos sistemas de AVALIATIVIDADE, *afiliação* e FUNÇÕES DO DISCURSO, cuja configuração é realizada por sistemas menos abstratos. O resultado das análises sobre as escolhas gramaticais que realizam a identidade dos personagens valida resultados obtidos em outras pesquisas relevantes sobre conversa casual (EGGINS; SLADE, 1997) no que se refere a incidência de padrões culturais sobre a construção de identidades. Porém, não cabe generalizar com base em apenas

um pequeno *corpus*; sugere-se que padrões gramaticais semelhantes seriam encontrados em outros textos dialógicos.

Quanto à relação entre os dados e a configuração prévia da *sintonia*, as análises dos sistemas confirmam a posição hierárquica mais alta das figuras de poder nas Cenas (Sparland, Brockway e Sindicato), que estavam em constante atrito com o Narrador. Tal relação seria sintetizada como “*status desigual* = Imperativos/Declarativos modalizados”, algo observado nas quatro Cenas. Também foi possível detectar como as personas das figuras de poder estão intrinsecamente ligadas ao contexto específico da fábrica. A fábrica de tintas possui uma dinâmica de relações entre seus funcionários que está correlacionada às afiliações de Brockway e do Sindicato, bem como aos recursos utilizados decorrentes de sua posição hierárquica. Tal fato aponta para a capacidade que um local de trabalho (ou outras instituições) têm de constringer os recursos instanciados pelas personas que o integram.

Sobre os recursos de coesão social, os Vínculos afiliativos e o uso repetido do Vocativo ‘*brother*’ foram os recursos em que o Sindicato se apoiou para manter a coesão e demarcar sua posição de oposição aos chefes e à Brockway na fábrica, sendo a persona que mais criou Vínculos. Detectou-se três Vínculos realizados pelo Sindicato, todos em oposição à fábrica e em favor da coesão do grupo, considerando que os Vínculos foram apoiados em julgamentos negativos a Vínculos-ícone de condenação. Isso indica tanto seu posicionamento social naquele contexto (em oposição aos donos), sua coesão social não se deu apenas enquanto facção política dentro da fábrica, sua coesão se deu também por meio de práticas linguísticas que, inclusive, realizaram sua superioridade de *status* em relação ao Narrador.

Sobre o desenvolvimento do enredo, pautado no tema da identidade, podemos relacionar os recursos utilizados pelas personas do Narrador nas quatro Cenas à Complicação do capítulo (cuja Resolução se deu apenas na explosão final). Notou-se um desconhecimento do Narrador sobre o papel que ele deveria empregar frente às dinâmicas sociais da fábrica, ou seja, quais recursos utilizar frente aos Vínculos afiliativos e recursos da AVALIATIVIDADE, instanciados tanto por Brockway quanto pelo Sindicato. O Narrador criou apenas um Vínculo (com Brockway) na Cena 2 e em nenhuma outra ocasião. Na Cena 4, ele menciona o Sindicato para Brockway sem se dar conta do que estava em jogo no contexto da fábrica, mesmo após Brockway se alterar. Ou seja, o Narrador interpreta a mesma persona em todas as situações e

em relação a diferentes interlocutores, cada um deles afiliado a comunidades e ideologias distintas. Ele utiliza, relativamente, a mesma configuração de recursos e, a partir dessa característica recorrente, revela-se a problemática do capítulo – ele é incapaz de gerenciar os recursos devidos em prol de uma persona que lhe seja favorável, pois ele desconhece a dinâmica de relações (*sintonia*) implícita entre as figuras de poder na fábrica. Ou como nos lembra Firth (1957), “(...) cada ser social é um pacote de personas, um pacote de peças, cada peça com suas falas. Se você não conhece suas falas, você não é uma peça útil. É bom tanto para você quanto para a sociedade estar ciente do seu papel e lembrar-se de suas falas” (tradução nossa).

Outro ponto a destacar seria a análise dos gêneros Narrativa e Argumentação, quando em contexto de bate-papo, onde esses gêneros mostraram ter estrutura intercalada à de outros gêneros ou trechos de bate-papo. Mas ainda assim são reconhecíveis, considerando que suas etapas podem ser detectadas em outro estágio mais distante do texto, como um segmento que está separado, mas que ainda está ali, como vimos nos gêneros utilizados por Brockway. Averiguou-se também a hipótese de trabalho de que, a partir das características linguísticas de um texto, é possível compreender de forma abrangente e concisa como uma obra de fato é construída em torno de um tema específico. Ou seja, como um personagem é construído identitariamente no contexto de seu enredo com o auxílio do suporte teórico e metodológico da LSF.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho contribuiu como os estudos da LSF na área da Estilística para a construção de personagens e para a negociação da identidade em um texto. Foi possível investigar como se dão os processos afiliativos e sua aplicação no texto literário e a identidade enquanto soma de personas na ontogênese do indivíduo. Também foi possível contribuir para os estudos da literatura, especificamente na análise do livro *Invisible Man* de Ralph Ellison e sua temática relacionada a identidade, poder e controle.

Espera-se que, no futuro, mais pesquisas relacionadas à construção identitária de personagens, ou de falantes, de maneira geral, sejam realizadas para promover avanços na teoria no que diz

respeito à negociação, gêneros da conversa no diálogo e sua estrutura (que ainda carece de descrição teórica), e na maneira como os recursos linguísticos são alocados no indivíduo e que vem à tona nas relações interpessoais. Há também que se investigar outros aspectos relevantes, porém adjacentes, dos elementos discursivos que passam pela voz narrativa, ou, ponto de vista narrativo. Cabe mencionar que o Narrador não apenas é um personagem da trama como também uma persona que dialoga e negocia consigo mesmo em sua mente de modo contrastante daquele encenado em seus papéis sociais os trechos onde se manifesta a voz subjetiva. Esse fato estilístico deve ser considerado para uma futura investigação complementar da identidade do Narrador a partir de seu ponto de vista subjetivo.

Por fim, cabe ressaltar que este trabalho não trata da elaboração de um modelo de análise linguística capaz de lidar com a questão da identidade de modo a esgotar o objeto em todas as possíveis interpretações. Uma pretensão mais modesta seria a de que um trabalho orientado para a observação da Língua e seu comportamento no texto literário estaria mais ciente da variedade de características combinadas que podem resultar em uma interpretação e não à outra. Os textos literários são realizados, de fato, pelo sistema da Língua, portanto, são acessíveis aos mesmos métodos de análise aplicáveis a outros textos independentemente do tipo de investigação (Hasan, 1968). Fim, este trabalho também pôde contribuir com os Estudos da Tradução de modo a corroborar com a investigação prévia de padrões linguísticas de textos, incluído o literário, para sua subsequente tradução ou/e elaboração de *briefing* técnico.

9 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BERNSTEIN, B. **Pedagogy, Symbolic Control, and Identity**. 2. ed. rev. [S. l.]: Rowman & Littlefield Publishers, 2000. 256 p. ISBN 978-0847695768.

BIBER, D. **University Language: A corpus-based study of spoken and written registers**. United States: John Benjamins North America, 2006. 271 p. ISBN 90 272 2296 7.

BRYAN, C. **Ralph Ellison and Kenneth Burke: At the Roots of the Racial Divide**. 1. ed. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2012. 80 p. ISBN 978-0-8139-3217-0 (e-book). *E-book*.

BURKE, M. **Stylistics: From Classical Rhetoric to Cognitive Neuroscience**. In: BURKE, M. (ed.). *The Routledge Handbook of Stylistics*. 1. ed. New York: Routledge, 2014. cap. 1, p. 1-9. ISBN: 978-0-415-52790-3 (hbk).

BURROWAY, J. **Writing Fiction: A Guide to Narrative Craft**. 1. ed. United States: University of Chicago Press, 2019. 254 p. ASIN: B07PWPSY8K.

CAFFAREL, A. The construal of a second-order semiosis in Camus' *L'Etranger*. In: BANKS, D. (Ed.). **Text and Texture: Systemic Functional viewpoints on the nature and structure of text**. L'Harmattan: Paris, 2004, p. 537-570, 2004b.

CALLAHAN, J.F. Ellison's *Invisible Man*. In: CALLAHAN, J.F. (ed.). **Ralph Ellison's Invisible Man: A Casebook**. 1. ed. New York: Oxford University Press, Inc., 2004. cap. 10, p. 287-322. ISBN 0-19-514535-6; 0-19-514536-4 (pbk.).

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CULPEPER, J. A cognitive stylistic approach to characterisation. In: CULPEPER, J.; SEMINO, E. (ed.). **Cognitive Stylistics: Language and Cognition in Text Analysis**. 1. ed. Lancaster University: John Benjamins Publishing Company, 2002. cap. 11, p. 251-277. ISBN 9789027233318.

EDDY, B. **The Rites of Identity: The Religious Naturalism and Cultural Criticism of Kenneth Burke and Ralph Ellison**. 1. ed. PRINCETON AND OXFORD: PRINCETON UNIVERSITY PRESS, 2003. 218 p. v. 1. ISBN 0-691-09249-4.

EICHELBERGER, J. **Prophets of Recognition: Ideology and the Individual in Novels By Ralph Ellison, Toni Morrison, Saul Bellow, and Eudora Welty** *Southern Literary Studies*. 1. ed. United States of America: Louisiana State University Press, 1999. 202 p. ISBN 9780585292328.

EGGINS, S.; SLADE, D. **Analyzing Casual Conversation**. 1. ed. UK: Equinox Publishing, 1997. 333 p. ISBN 978-1845530464.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter Publishers, 2004.

ELLISON, R. W. **Invisible Man**. New York: Random House, 1952.

- ELLISON, R. W. The Art of Fiction: An Interview. *In*: CALLAHAN, J.F. (ed.). **The Collected Essays of Ralph Ellison**. 1. ed. New York: Random House, 1995.
- FIRTH, J. R. **Personality and Language in Society**: Papers in Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 1957. 189 p
- GERRIG, R., & ALLBRITTON, D. (1990). **The Construction of Literary Character: A View from Cognitive Psychology**. *Style*, 24(3), 380-391.
- HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. **Complementarities in Language**. Beijing: The Commercial Press, 2008. 229 p. v. 1. ISBN 9787100058436.
- HALLIDAY, M.A.K. Towards a theory of good translation. *In*: STEINER, E., YALLOP, C. (Ed.). **Exploring translation and multilingual text production: beyond content**. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001:13-18.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as a Social Semiotic: The social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M.A.K. **Linguistic Studies of Text and Discourse**. Volume 2 in the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan J. Webster. London and New York: Continuum. Chapter 3, 2002. p. 88-125.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M.I.M. **An introduction to functional grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M.I.M. **Systemic Functional Grammar: A First Step Into The Theory**. Beijing: Higher Education Press, 1997.
- HALLIDAY, M. A. K.; MCINTOSH, A; STEVENS, P. The linguistic sciences and language teaching. Great Britain: New Impressions, 1964. 171 p.
- HASAN, R. **Linguistics and the study of literary texts**. Études de Linguistique Appliquée, Paris, v. 5, 1966.
- HASAN, R. The place of stylistics in the study of verbal art'. *In* H. Ringborn (ed.) **Style and Text: Studies Presented to Nils Erik Enviste**. Stockholm: Skriptor, 1975 pp. 49–62.

- HASAN, R. **Linguistics, Language and Verbal Art**. 2. ed. Hong Kong: Oxford University Press, 1989. 124 p. ISBN 0194371557.
- HYNES, J. **Writing Great Fiction**. Chantilly, Virginia: The Teaching Company, 2014. 186 p.
- JOHNSON, N. **Rhetoric and Belles Lettres in the Canadian Academy: An Historical Analysis**. *In*: College English, 1988. 873 p. doi:10.2307/377982.
- JÚNIOR, N. A. S. Ellison's Vision of Communitas. *In*: CALLAHAN, J.F. (ed.). **Ralph Ellison's Invisible Man: A Casebook**. 1. ed. New York: Oxford University Press, Inc., 2004. cap. 3, p. 109-125. ISBN 0-19-514535-6; 0-19-514536-4 (pbk.).
- KNIGHT, N. Wrinkling Complexity: Concepts of Identity and Affiliation in Humour. *In*: MARTIN, J. R.; BEDNAREK, M. (ed.). **New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity and Affiliation**. 1. ed. London: Continuum, 2010. cap. 2, p. 35-58. ISBN: 978-1-8470-6483-7 (hardback).
- MALINOWSKI, B. **The Dynamics of Culture Change: An Inquiry into Race Relations in Africa**. 1. ed. English: Praeger, 1946. 171 p. ISBN-13: 978-0837182162.
- MARTIN, J. R.; BEDNAREK, M. (ed.). **New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity and Affiliation**. 1. ed. London: Continuum, 2010. cap. 2, p. 35-58. ISBN: 978-1-8470-6483-7 (hardback).
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. London: Palgrave, 2005.
- MARTIN, J R. **Realization, Instantiation and Individuation: some thoughts on identity in youth justice conferencing**. DELTA: 2009, São Paulo, v. 25, p. 549-583.
- MARTIN, J. R. Analyzing genre: Functional parameters. *In*: MARTIN, J.R.; CHRISTIE, F. **Genres and institutions: Social processes in the workplace and school**. London: Cassell, 1997. p. 3-39.
- MARTIN, J. R. *et al.* **Working with Functional Grammar**. 1. ed. London: Arnold, a member of the Hodcfer Headline Group, 1997. 305 p. ISBN 0 340 65250 0 (Pb).

MARTIN, J. R. Semantic Variation – Modelling Realisation, Instantiation and Individuation in Social Semiosis. *In*: MARTIN, J. R.; BEDNAREK, M. (ed.). **New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity and Affiliation**. 1. ed. London: Continuum, 2010. cap. 1, p. 1-34. ISBN ISBN: 978-1-8470-6483-7 (hardback).

MARTIN, J. R.; QUIROZ, B; FIGUEREDO, G (ed.). **Interpersonal Grammar: Systemic Functional Linguistic Theory and Description**. 1. ed. London: Cambridge University Press, 2021. 300 p. ISBN 978-1108493796.

MURRAY, A. **The Omni-americans: Black Experience and American Culture**. [S. l.]: Da Capo Press, 1990. 240 p. ISBN 978-0306803956.

OLIVEIRA

POYNTON, C. **Language and Gender: Making the Difference**. 1. ed. [S. l.]: Oxford University Press, Inc., 1985. 104 p. ISBN 0194371603, 9780194371605.

SAIORO, R. **A construção do discurso científico: os gêneros do discurso científico no português brasileiro**. Orientador: Giacomo Patrocínio Figueredo. 2021. 125 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

SIMPSON, P. **Stylistics: A Resource Book for Students**. United States: Routledge, 2004. 262 p. ISBN 978-0415281058.

SMITH, V. The Meaning of Narration in Invisible Man. *In*: CALLAHAN, J.F. (ed.). **Ralph Ellison's Invisible Man: A Casebook**. 1. ed. New York: Oxford University Press, Inc., 2004. cap. 6, p. 189-220. ISBN 0-19-514535-6; 0-19-514536-4 (pbk.).

TATE, C. Notes on the Invisible Women in Ralph Ellison's Invisible Man. *In*: CALLAHAN, J.F. (ed.). **Ralph Ellison's Invisible Man: A Casebook**. 1. ed. New York: Oxford University Press, Inc., 2004. cap. 8, p. 253-267. ISBN 0-19-514535-6; 0-19-514536-4 (pbk.).

VISEU, A. L. N. **O briefing de tradução e a prática tradutória: reflexão metodológica e contributo para a construção de um modelo dinâmico**. Orientador: Iolanda Ramos. 2015. 91 p. Dissertação (Mestrado) - Nova FCSH, [S. l.], 2015.

WRIGHT, J. S. The Conscious Hero and the Rites of Man: Ellison's War. *In*: CALLAHAN, J.F. (ed.). **Ralph Ellison's Invisible Man: A Casebook**. 1. ed. New York: Oxford University Press, Inc., 2004. cap. 7, p. 221-252. ISBN 0-19-514535-6; 0-19-514536-4 (pbk.).

YVES, R. **A análise da narrativa: O texto, a ficção e a narração: O texto, a ficção e a narração.**
4. ed. Brasil: Bertrand, 2002. 188 p. ISBN 10-8574320293.